

CHAMADO TODO O POVO À LUTA CONTRA A ENTREGA DE FERNANDO DE NORONHA

(MANIFESTO DA CAMPANHA NACIONAL NA TERCEIRA PÁGINA)

Cresce o Movimento Nacionalista

COMO UMA vigorosa resposta do povo brasileiro à política entreguista realizada pelo governo do sr. Kubitschek, começa a irradiar-se por todo o país um grande movimento organizado de caráter nacionalista.

A PRIMEIRA característica desse movimento é o fato de unir em ampla frente única elementos patrióticos de todas as classes e camadas sociais. Se tomarmos como exemplo a Federação Nacionalista de Minas Gerais, ali se encontram parlamentares e estudantes, líderes sindicais e representantes de organizações da indústria, do comércio e da lavoura, intelectuais e militares. E o mesmo ocorre nas organizações que surgem em outros Estados. Os mais diversos setores da população, sem abdicar da defesa dos seus interesses específicos, unem-se para enfrentar o inimigo comum: o imperialismo americano e seus agentes internos.

SIGNIFICADO idêntico tem a participação nesse movimento de representantes das mais diferentes forças políticas. Parlamentares de partidos do governo e da oposição, do PSD, do PTB, da UDN, do PSP, do PSB e de outras agremiações partidárias, formam ombro a ombro nas «frentes parlamentares nacionalistas», assinam juntos o requerimento da Comissão de Inquérito sobre a política exterior e a declaração de princípios em defesa da Petrobrás. O grande divisor de águas no cenário político brasileiro, vem sendo assim, cada vez mais, o problema da defesa da soberania nacional, da resistência às investidas imperialistas.

E' DE NOTAR que esse movimento patriótico não surge de uma articulação feita apenas pela cúpula, mas aparece com a força da iniciativa criadora do próprio povo, brotando sob as mais variadas formas em diferentes pontos do país e marchando para a unificação em escala nacional. Ele vem se cristalizando em organizações de diversos tipos, de acordo com o nível atingido pelo movimento patriótico em cada cidade ou Estado, e tendo em conta as condições peculiares locais. No Rio Grande do Sul, a «Frente Parlamentar

Nacionalista» se organiza dentro e fora da Assembléia Legislativa, com o apoio de associações representativas de várias classes. Já em Minas Gerais, o movimento nacionalista surge como uma Federação que conta com o apoio de líderes das organizações estudantis, dos Sindicatos, das associações de industriais, comerciantes e agricultores, etc.. Em certos casos é uma personalidade que está à frente da iniciativa, como no Centro Nacionalista de Natal, organizado pelo Prefeito da cidade em colaboração com outros patriotas, ou no Movimento Nacionalista Capixaba, criado durante uma conferência do deputado Seixas Dória, em Vitória. Em outros casos, o primeiro passo é dado pela juventude estudantil, como ocorre com a Semana Nacionalista do Maranhão.

TODOS esses movimentos se identificam, no entanto, por uma finalidade comum — a defesa da independência nacional contra a dominação imperialista, a luta por uma política interna e externa independente para o Brasil. Sua preocupação principal são as graves ameaças que pesam hoje sobre nosso país; sua luta se orienta em primeiro lugar contra a entrega de Fernando de Noronha aos militaristas ianques, em defesa da Petrobrás e das riquezas nacionais, pelas liberdades democráticas e por uma política externa de paz e de amizade com todos os países. Ao mesmo tempo, o caráter de massas desses movimentos se revela na sua atenção aos problemas locais, sentidos diretamente pela população de cada Estado. Em Minas Gerais, se resalta a decisão de evitar a exaustão de nossas jazidas de ferro e manganês; no Rio Grande do Sul, surgem exigências para a proteção do trigo nacional; no Espírito Santo, o movimento visa também impedir o assalto às areias monazíticas e a entrega do Vale do Rio Doce aos ianques.

OS FATOS demonstram, portanto, que o movimento antiimperialista cresce e se alastra por todo o Brasil. A grande tarefa de todos os patriotas é empregar todos os seus esforços para que ele se transforme num amplo e poderoso movimento de massas.

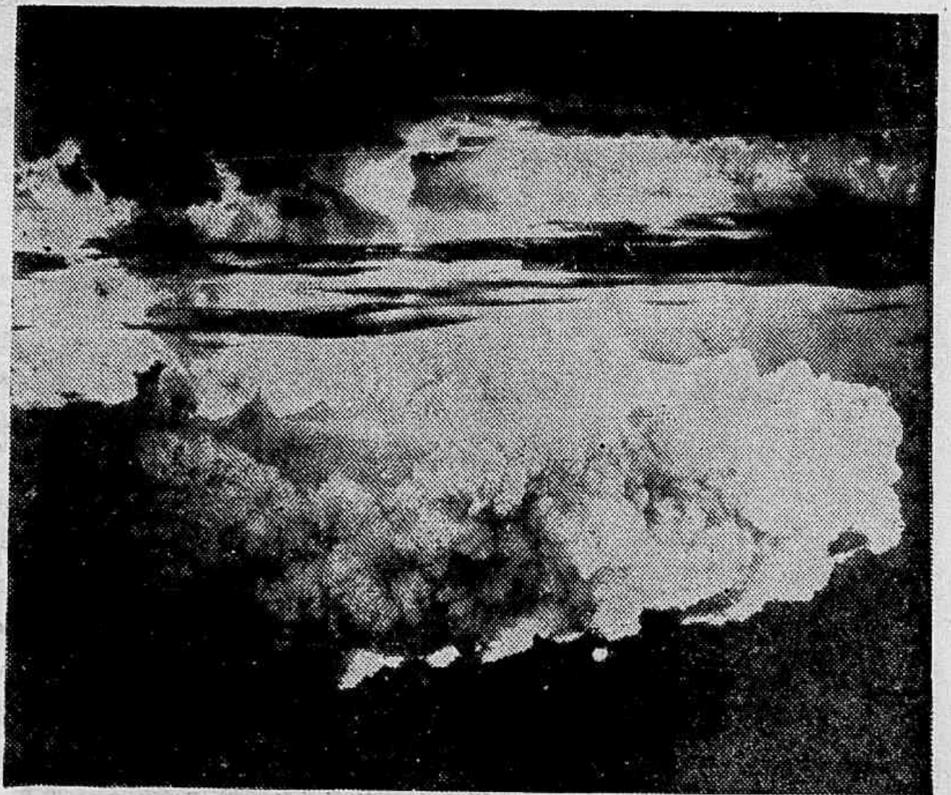
ENTREVISTA DE N.S. KRUSCHIOV AO "NEW YORK TIMES"

Opinião do Dirigente Soviético Sobre a Questão da Guerra e da Paz, o Caminho Para o Alívio da Tensão Internacional e Problemas do Movimento Comunista — Texto Integral Publicado Pelo JORNAL PRAVDA. (Leia na 9ª Página)

VOZ OPERÁRIA

Nº 416 • RIO DE JANEIRO, 25 DE MAIO DE 1957

CONTRA
A GUERRA
ATÔMICA



As Experiências Nucleares Ameaçam a Humanidade

Leia na 2ª Página.

EM PERIGO A VIDA DE JESÚS FARIA



HA SETE ANOS está encarcerado Jesus Faria, dirigente comunista e líder sindical venezuelano. Presidente do Comitê Sindical Unitário de Trabalhadores Petroleiros da Venezuela, Vice-Presidente da Confederação de Trabalhadores da América Latina, Senador da República, dirigente das grandes greves petroleiras de 1936 e 1950, — Jesus Faria está preso, sem processo, desde 8 de maio de 1950.

As suas notáveis qualidades de dirigente operário e o seu prestígio junto às grandes massas da classe operária e do povo de sua terra fizeram-no alvo do ódio da ditadura sangrenta de Perez Jimenez. Foi encarcerado pelos lacaios da Standard-Oil quando dirigia a greve que durante duas semanas paralisou as empresas Ianques causando-lhes consideráveis prejuízos. Levado para a Penitenciária de San Juan de los Morros, permaneceu incomunicável na tenebrosa seção especial conhecida pelo nome de «Sin, Sin» (Sin sol, sin luz, sin água). Recentemente foi transferido para o campo de concentração de Cidade Bolivar, na Guyana Venezuelana, o que significará a morte lenta, do grande lutador, tão brutais são as condições dessa prisão, se a solidariedade dos democratas de todos os países, e particularmente dos movimentos democráticos e operários latino-americanos, não se reforçar e não fizer sentir todo o seu peso sobre os carcereiros de Jesus Faria.

E' necessário que de toda parte sejam dirigidas cartas e mensagens ao governo venezuelano, exigindo a libertação do bravo dirigente, endereçadas a: «Presidente Marcos Perez Jimenez, Miraflores, Caracas, Venezuela».

AMIZADE ENTRE A U.R.S.S. E A INDONÉSIA

VOROCHILOV ENALTECE O «ESPIRITO DE BANDUNG»

FALANDO em uma cerimônia na qual foi homenageado na cidade de Bandung, a 10 de maio, o Presidente do Soviete Supremo da União Soviética, Vorochilov, declarou que «a Conferência de Bandung foi uma demonstração de solidariedade das nações da Ásia e da África em sua luta pela consolidação da independência nacional» e que «os povos de todo o mundo, em sua luta pela paz, inspiraram-se no «espírito de Bandung». «As relações pacíficas entre os povos soviético e indonésio são um exemplo do espírito de Bandung». Declarou ainda que o povo soviético acompanhou com grande interesse o desenrolar da Conferência de Bandung.

Dois dias depois, prosseguindo na viagem através da Indonésia em companhia do presidente Sukarno, Vorochi-

lov proclamou em Solo, discursando em um grande comício, que o Irian Ocidental deve ser devolvido à Indonésia, exprimindo assim o apoio da U.R.S.S. àquele reivindicação do povo indonésio. «Numerosas nações do mundo, entre as quais a Indonésia e a União Soviética, já adotaram como base de suas relações mútuas os 5 princípios da coexistência pacífica». «A paz poderá ser mantida se todos os países concordarem com esses princípios».

A 19 do corrente Vorochilov terminou sua estada de 15 dias na Indonésia. A calorosa recepção do povo e do governo indonésio a Vorochilov constituiu impressionante demonstração dos laços de amizade e cooperação entre a URSS e a Indonésia, que se reforçam e consolidam cada vez mais.

Vigilância Contra o Revanchismo Imperialista Alemão

Comunicado

Conjunto

Polono — Tcheco

Depois de proveitosas conversações, as delegações governamentais da Polónia e da Tchecoslovaquia emitiram a 8 de maio um comunicado conjunto, no qual declaram que «em face da crescente remilitarização da República Federal Alemã, dentro da estrutura da OTAN, ambos os países devem manter-se particularmente vigilantes, e que o Tratado de Varsóvia deve continuar a ser o instrumento efetivo para a defesa da soberania e independência dos estados socialistas.»

Ambos os governos consideram que o desarmamento é o problema chave na atual situação internacional, e apoiam ativamente as propostas soviéticas na sub-comissão de desarmamento da ONU.

Depois de salientar a importância crescente das nações da Ásia e da África na luta pela paz, o comunicado insiste no direito da República Popular da China a ocupar o lugar que lhe compete na ONU.

O governo tcheco apola plenamente a atitude do governo polonês relativa à inviolabilidade da fronteira Oder-Neisse.

O comunicado conjunto finaliza exprimindo «o alto interesse da Polónia e da Tchecoslovaquia na consolidação da unidade do campo socialista na base dos princípios da assistência mútua e cooperação fraternal, e dos princípios de internacionalismo proletário». «A aliança fraternal entre a Polónia e a Tchecoslovaquia é um importante fator na cooperação entre os países socialistas.»

Comunicado

Tripartite

Tcheco-Germano - Polonês

Representantes dos parlamentares da Tchecoslovaquia, da República Democrática Alemã e da Polónia deram à publicidade, no dia 11 de maio, na cidade de Potsdam, a um comunicado conjunto, no qual afirmam solenemente que «as atuais fronteiras entre a Alemanha, a Polónia e a Tchecoslovaquia são definitivas e invioláveis», e condenam os desígnios revanchistas existentes na Alemanha Ocidental, contra a segurança da Repúbli-

ca Democrática Alemã e da União Soviética.

«As propostas construtivas da República Democrática Alemã para a reunificação da Alemanha, do mesmo modo que a sua política externa, criam condições favoráveis para uma solução da questão alemã, que corresponda aos interesses vitais dos povos da Europa».

A declaração afirma a necessidade de banir as armas atômicas e de hidrogênio,

tendo como primeiro passo a suspensão das experiências com essas armas, e exprime o apoio das três delegações parlamentares às propostas soviéticas na sub-comissão de desarmamento da ONU. Conclama finalmente todos os povos da Europa a lutarem contra a recente política adotada pela OTAN de equipar as nações-membro do Tratado do Atlântico Norte com armas atômicas e de hidrogênio.

NOVA CRISE NO GOVERNO ARGENTINO

PRESSÃO DOS TRUSTES PARA APODE- RAR-SE DO PETRÓLEO

Ao mesmo tempo que, em meio a intensos protestos dos mais diversos setores da população, iniciavam-se os trabalhos da Conferência de Defesa do Atlântico Sul, eclodiu nova crise no seio do governo argentino. Demitiu-se o general Arturo Ossorio do cargo de ministro da guerra, e circulou a notícia de que um grupo de oficiais do exército enviara um ultimato ao presidente Aramburu, exigindo para dentro de 90 dias as eleições gerais para o parlamento e para a presidência da República.

Notícias de Buenos Aires revelam que a questão do petróleo está por trás da nova crise argentina. «Recomeça a batalha do petróleo na Argentina», dizem os telegramas. O líder socialista Alfredo Palacios demite-se do cargo de embaixador de seu país em Montevideo e declara: «Venho defender o petróleo de armas na mão. O petróleo é a expressão da nossa soberania. Não podemos confiar nas companhias estrangeiras».

A Conferência de Defesa do Atlântico Sul, que tem como objetivo aprovar planos militares preparados pela Junta Inter-Americana de Defesa, trouxe novo estímulo aos intentos entreguistas de Aramburu. Sabe-se que os imperialistas norte-americanos insistem na exploração do petróleo da América do Sul pelos trustes, utilizando como argumento a «defesa do hemisfério». Não é por acaso, portanto, que a Conferência do Atlântico Sul coincide com a nova ofensiva entreguista, tanto na Argentina como no Brasil.

A entrega do petróleo argentino aos trustes foi pela primeira vez defendida publicamente por um partido político no início desta semana. Trata-se de um novo partido, organizado pelo ex-ministro da Indústria de Aramburu, que afastou-se do governo unicamente para dirigir a impatriótica campanha. Cresce no entanto a repulsa popular e de importantes setores das forças armadas e de partidos políticos à entrega do petróleo e à participação da Argentina em um pacto ou acôrdo do Atlântico Sul. A crise atual é um reflexo dessa repulsa.



EM SUA VISITA A CHINA o deputado Josué de Castro, do P.T.B. esteve em contacto com inúmeras personalidades. No clichê, o deputado brasileiro em palestra com Kuo Mo Jo, o eminente escritor chinês



Propostas Soviéticas De Desarmamento

O desarmamento é o problema-chave da atual situação internacional. Conseguir que sejam dados os primeiros passos no caminho do desarmamento é a tarefa central de todos os que lutam pela paz. Só assim será suprimida a atual guerra fria, e conquistado um novo alívio da tensão internacional, que tornará possíveis novas e mais profundas medidas visando à consolidação da paz.

A extraordinária amplitude rapidamente alcançada nos últimos dois meses na campanha pela cessação imediata das experiências com bombas nucleares demonstrou a justiça da decisão do Biró do Conselho Mundial da Paz ao considerar, em reunião de 2 de abril, que esse é o elo decisivo no momento, em escala mundial, para a conquista dessas primeiras medidas concretas. Até agora têm sido unânimes as afirmações, em palavras, a favor de um desarmamento geral e controlado. Mas, paralelamente, prossegue em ritmo assustador a corrida armamentista e a preparação de uma guerra atômica teleguiada. Trata-se de interromper esse perigoso processo, passando das palavras aos atos, dando um primeiro passo, por menor que seja. Depois dele, outros virão, com mais facilidade.

As propostas soviéticas apresentadas a 18 de março na sub-comissão de desarmamento da ONU foram de tal modo construtivas e conciliadoras que dificilmente poderiam ser rejeitadas. Partindo, como primeira medida, de uma trégua imediata nas experiências com bombas nucleares, e de um compromisso solene assumido por todos os países que possuem atualmente armas atômicas e projéteis teleguiados de que não utilizarão suas armas, as medidas práticas propostas pela URSS compreendem: a redução dos efetivos militares, em duas etapas, mediante a aceitação na 1ª etapa, dos níveis sugeridos pelos Estados Unidos em suas contrapropostas por ocasião da penúltima reunião da sub-comissão; a criação de uma zona de limitação e inspeção dos armamentos na Europa, situada de um e outro lado das atuais fronteiras entre a Europa Ocidental e as democracias populares, e compreendendo portanto as duas Alemanhas; aceitação do plano Eisenhower

de inspeção aérea, até 800 quilômetros para cada lado dessas fronteiras; retirada gradual das tropas estrangeiras nos países da OTAN e do Tratado de Varsóvia, e supressão de todas as bases em território estrangeiro; criação de um organismo internacional de controle do desarmamento; interdição definitiva das armas nucleares, durante a segunda etapa do plano.

Em fim de maio, tendo em vista facilitar ainda mais a obtenção de um primeiro acôrdo com as potências ocidentais, o representante da União Soviética acrescentou a essas propostas mais uma concessão, que teve repercussão enorme: a URSS ofereceu aos Estados Unidos a aceitação da inspeção aérea na Sibéria Oriental, Primorie, Kamchatka e Sakalinas, com uma superfície total de sete milhões de quilômetros quadrados, em troca da inspeção simultânea, pelo mesmo método, do Alasca e de uma parte do território dos Estados Unidos, totalizando aproximadamente a mesma área. Pouco depois o Soviete Supremo da URSS propunha diretamente do Parlamento inglês e ao Congresso norte-americano a adoção imediata da trégua nuclear.

Em face da atitude da URSS o próprio sr. Harold Stassen foi forçado a declarar, a 17 do corrente, que «não há a menor dúvida de que estamos mais próximos de um acôrdo sobre a primeira medida a tomar, isto é, uma pequena redução dos armamentos, do que estávamos por ocasião da última visita que fiz a Washington na Páscoa». E' verdade que ao mesmo tempo o sr. Foster Dulles, procurando ajudar a Adenauer em suas dificuldades eleitorais, declarava que os Estados Unidos não estão inclinados a aceitar uma zona desmilitarizada na Europa. A pressão da opinião pública mundial para que desta vez se adotem na sub-comissão da ONU algumas primeiras medidas concretas de desarmamento cresce no entanto, e se exprime com vigor. Aos partidários da paz de todo o mundo cabe a tarefa honrosa de impulsionar essa luta e conquistar as primeiras vitórias, que já estão à vista.

Manifesto da Campanha Nacional Contra a Entrega de Fernando de Noronha

Lançado por centenas de personalidades — Senadores, deputados, vereadores, prefeitos, líderes sindicais e estudantis, militares e intelectuais — O documento conclama o povo a lutar contra o impatriótico ajuste

A Campanha Nacional contra o Ajuste de Fernando de Noronha lançou importante manifesto ao povo brasileiro, cujo texto transcrevemos abaixo:

«Cresce, em todo o país, o clamor contra a entrega de Fernando de Noronha.

Esse ato representa um atentado contra a soberania da Pátria, insidioso entrave ao nosso desenvolvimento econômico, um risco permanente para a segurança e a vida do povo brasileiro. O ajuste não tem apoio legal, a própria Comissão de Relações do Senado considerou-o inconstitucional.

Não convém ao povo brasileiro, pacífico por tradição, que nossa Pátria se transforme, automaticamente, em alvo de engenhos atômicos. Para fazer face às responsabilidades acrescidas, o Brasil deverá transformar as verbas de escolas, hospitais, represas, estradas, transportes, tratores e adubos, em verbas para quartéis, pistas para super-fortalezas voadoras, equipamento militar de toda natureza, enfim, deverá reduzir as obras de assistência social já irrisórias. Essa atitude ampliará a miséria do nosso povo. Além disso, a permanência, em solo do Brasil, de forças estrangeiras, será um constante apoio aos tristes internacionais em novas e maiores exigências políticas,

militares e econômicas. Nunca tantos perigos pesaram sobre as liberdades públicas, sobre a Petrobrás, minérios atômicos e estratégicos e as fontes de energia elétrica, sobre a indústria, a agricultura e a pecuária, sobre o comércio interno e externo, sobre governos legalmente eleitos, em suma sobre a Nação ameaçada de recolonização.

Compatriotas: Nos vários continentes, povos, durante largos anos dominados e explorados, levantam-se, proclamando ao mundo a própria libertação.

Não pode, portanto, o Brasil abdicar das conquistas já realizadas e desistir do processo da emancipação nacional, em curso.

Inconformados com o ato de tamanha gravidade, conclamamos o povo brasileiro a congregarem-se na luta para que o Parlamento revogue o ato da entrega.

Para essa campanha cumpre que todos se reúnam, nos municípios e distritos, em comissões locais contra o Ajuste de Fernando de Noronha e comuniquem-se com a Comissão Nacional, instalada na sede da UNE (Praia do Flamengo, 132 — Rio).

Lançamos, por tudo isso, a «Campanha Nacional contra o Ajuste de Fernando de Noronha».

Não entreguemos Fernando de Noronha, nem qualquer outro pedaço do Brasil!»

PERSONALIDADES QUE ASSINAM O MANIFESTO

O manifesto é assinado por centenas de personalidades de todos os setores da vida nacional, entre as quais se destacam os senadores Domingos Velasco, Kerginaldo Ca-

valcanti, Lourival Fontes, Lino de Matos, Nelson Firmo; os deputados federais Dagoberto Sales, Abguar Bastos, Sérgio Magalhães, Frota Moreira, Campos Vergal, Bruzzi de Mendonça, Aarão Steinbruch, Rogê Ferreira, Celso Peganha, Aúreo Melo e outros; José Batista de Oliveira

Jr., presidente da União Nacional dos Estudantes; desembargador Osny Duarte Pereira; marechal Egard de Oliveira, general Edgard Buxbaum; coronel Salvador Benvides; Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio; Felix Cardoso, presidente do Sindi-

cato dos Têxteis do Rio; Humberto Pinheiro, presidente do Sind. dos Bancários do Rio; centenas de outros deputados estaduais, líderes sindicais, estudantis, prefeitos de muitos municípios, entre os quais os de Recife e Natal, vereadores, intelectuais de renome e outras personalidades.

A Derrota do Governo

O governo do sr. Kubitschek saiu do caso Lacerda derrotado e ainda mais desmoralizado. Projetaram-se na arena política da Câmara dos Deputados, e se agravaram as contradições que opõem a política entreguista do governo aos interesses nacionais e populares, e as contradições entre os grupos políticos das classes dominantes.

Revelou a votação que ponderável parcela de deputados não permitiu a submissão do parlamento ao governo Kubitschek, governo que entrega o território nacional para base da agressão atômica, trai os compromissos com o povo, ameaça a Petrobrás, comete sucessivos atentados às liberdades democráticas e afinal exige dos deputados que rasguem a Constituição, justamente no capítulo que os declara invioláveis no exercício do mandato conferido pelo povo.

O resultado do choque político tornou evidente que o governo perdeu a autoridade para falar em nome das forças de novembro. Na caçada ao mandato de Lacerda, procurou o governo unir tais forças contra este porta-voz do golpe de 24 de agosto. Mas, vários deputados nacionalistas votaram contra a licença, levando em conta precisamente que o governo, ao tender para o caminho entreguista e reacionário passou a se contrapor aos próprios princípios que uniram o povo e os setores democráticos das forças armadas quando do 11 de Novembro.

Por outro lado, tal é a força das bandeiras de independência nacional e de defesa das liberdades do povo, que os grupos dirigentes da UDN e o próprio Lacerda, utilizaram palavras de ordem nacionalistas e democráticas, para se defender e ganhar apoio popular. No momento em que os imperialistas ianques noticiavam, dos Estados Unidos, as manobras em curso contra a Petrobrás, os dirigentes udenistas e Lacerda, denunciaram o governo e ligaram os fatos à caçada do mandato.

A PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA DO GOVERNO

Foi enviada ao Congresso, pelo Presidente da República, a proposta orçamentária para o exercício de 1958, acompanhada de mensagem que afirma terem sido usados dois critérios fundamentais para a sua elaboração: equilíbrio orçamentário e contenção das despesas em benefício dos investimentos públicos diretamente ligados ao desenvolvimento econômico do país.

Mas as palavras da mensagem são desmentidas pelos números da proposta. Esta é altamente deficitária (quase dez bilhões de déficit) e os investimentos ligados ao desenvolvimento econômico são sensivelmente inferiores aos constantes do orçamento em vigor. Por outro lado é substancial o aumento das despesas ordinárias (custeio do aparelho estatal). Além disso, como sempre ocorre, deverá o Congresso emendar a proposta, aumentando sensivelmente a despesa e portanto o déficit previsto.

É clara, pois, a perspectiva da execução orçamentária: apesar do aumento dos impostos, dos quais o consumo (terça parte da receita) recaí totalmente sobre as massas populares, o governo terá de emitir para atender a um déficit que não

estará longe dos quinze bilhões de cruzeiros.

Na previsão da despesa vemos que mais de 70 bilhões de cruzeiros estão destinados à manutenção do aparelho estatal e cerca de 40 bilhões são reservados às verbas militares.

Exatamente a terça parte de toda a despesa para os ministérios militares, num acréscimo de cinco bilhões sobre o orçamento de 1958, enquanto são fortemente reduzidas as verbas para os ministérios da Agricultura e da Viação. Aliás, toda a verba do ministério da Agricultura não atinge a cinco bilhões, a quanto monta o aumento das despesas de guerra. Ocorre o mesmo quanto à Saúde, com menos de cinco bilhões. Para a educação não vai a proposta a sete bilhões (6,9). Acrescente-se que parte da verba dos ministérios da Justiça e Exterior (polícia e serviço secreto) tem fins militares, e teremos na proposta orçamentária um flagrante da política do governo Kubitschek. Inflação, carestia, peso esmagador das despesas militares, desprêzo pela alimentação, educação e saúde do povo, aumento de impostos, tudo isso está claramente alinhado entre as diversas rubricas da proposta orçamentária. Ela revela a política antinacional e antipopular de um governo que tomou o caminho do entreguismo e da submissão aos planos imperialistas e belicistas dos monopólios norte-americanos.

A não concessão da licença revela, principalmente, a desmoralização crescente do governo e o enfraquecimento de sua base política, em consequência de suas capitulações frente ao imperialismo. A derrota constitui lição a ser aproveitada pelos setores patrióticos existentes no governo e nos partidos que o apoiam, para que não se deixem arrastar pelo caminho da traição e da derrota a que os conduzem os grupos reacionários que têm influido decisivamente no governo. Não tem futuro um governo que trai seu povo para servir ao imperialismo. É chegado o momento de reagirem estes setores patrióticos e lutarem por uma radical mudança de rumo, por modificações na política interna e externa no sentido democrático e patriótico.

Com a derrota do governo saiu fortalecida a posição do Parlamento, exatamente quando o povo brasileiro dele exige o exame e condenação da política exterior e dos pactos de submissão ao imperialismo ianque, como o de Fernando Noronha e o do Atlântico Sul. Com a utilização, pelos dirigentes udenistas, da bandeira nacionalista para defender o mandato de Lacerda, novos setores populares, principalmente da classe média, sob a influência da oposição, serão atraídos para posições patrióticas na luta de todo o nosso povo contra a capitulação governamental.

A ação política fundamental, no momento presente, consiste em desenvolver e fortalecer o movimento de massas populares contra o entreguismo e suas consequências. A política do governo desperta e mobiliza grandes massas em defesa de seus direitos vitais e dos altos interesses nacionais. A convergência de todos os movimentos democráticos, patrióticos, operários, a união de todas as forças que possam ser unidas em defesa das liberdades, das reivindicações imediatas da classe operária e do povo, de Fernando Noronha, da Petrobrás, há de impor sucessivas derrotas ao governo, assim como à mudança da política que vem conduzindo.

O QUE SE ESCONDE ATRÁS DA «PACIFICAÇÃO»

A «pacificação» é o assunto do dia nos círculos políticos do governo e da oposição. As demarques nesse sentido surgiram ainda no período agudo do caso Lacerda e, após o desfecho desfavorável ao governo, foram intensificadas febrilmente pelos interessados.

Não é nova essa fórmula. Já no início do governo do sr. Kubitschek, ela foi apresentada como solução para as contradições que dividiam os grupos políticos das classes dominantes desde o 24 de agosto e o 11 de novembro. Do lado do governo, batiam-se pela «pacificação» os reacionários mais empedernidos como Nereu Ramos; do lado da oposição, figuras não menos reacionárias como Etelvino Lins.

O que se esconde atrás dessa palavra «pacificação» também não constitui novidade. Trata-se de uma tentativa para ressuscitar o famigerado «acordo interpartidário», concluído entre os partidos do governo e da oposição durante o período presidencial de Dutra. Foi à sombra desse acordo que se implantou no país uma política de traição nacional e terror policial. A união dos grupos políticos das classes dominantes, feita sob a égide do imperialismo americano, facilitou ao governo Dutra abrir as portas do Brasil aos monopólios estrangeiros, assinar acordos de guerra e submissão nacional como o Tratado do Rio de Janeiro, intervir brutalmente nos sindicatos e reprimir pela força as greves.

Não é outro o sentido da «pacificação» entre as forças políticas do governo e da oposição, agora preconizada.

A derrota do governo do sr. Kubitschek no caso Lacerda e as divergências crescentes entre os setores entreguistas e os elementos nacionalistas dos partidos governamentais revelam que a base política do governo se enfraquece. Avoluma-se o movimento popular contra a entrega de Fernando de Noronha, cresce o movimento operário. São cada vez maiores as forças que lutam para modificar a política do país num sentido patriótico e democrático.

Diante desta situação, as forças que servem ao imperialismo e querem prosseguir no caminho do entreguismo buscam uma composição para fortalecer a política entreguista e antipopular realizada pelo sr. Kubitschek. Embora se fale na necessidade de «um clima de harmonia» para «trabalhar pelos interesses da nação», o que se visa é um acordo dos grupos entreguistas e reacionários, de dentro e de fora do governo, para criar um clima favorável à política de concessões aos imperialistas ianques.

O esquema da «pacificação» está, porém, segundo os fatos indicam, condenado ao fracasso. Não somente se agravam as contradições entre os grupos políticos das classes dominantes, como também se aguçam as divergências dentro de cada partido, entre os elementos vende-pátria e os setores nacionalistas. Qualquer que seja a composição de forças efetuada em torno do sr. Kubitschek, seu governo continuará a debilitar-se enquanto prosseguir no caminho da traição aos compromissos assumidos com o povo e a nação.

O MOVIMENTO PATRIÓTICO EM TODO O PAÍS

DISTRITO FEDERAL

- ★ Lançado um manifesto pela Comissão Nacional contra o Ajuste de Fernando de Noronha, com centenas de assinaturas de senadores, deputados federais, vereadores cariocas, dirigentes estudantis, líderes sindicais, intelectuais e outras personalidades.
- ★ Organizadas subcomissões contra o Ajuste de Fernando de Noronha pelos trabalhadores do Arsenal de Marinha e da Estrada de Ferro Leopoldina.

SÃO PAULO

- ★ Realizou-se na Câmara Municipal uma reunião preparatória para a fundação da Federação Nacionalista do Estado de São Paulo, estando presentes deputados federais e estaduais, vereadores, dirigentes sindicais e líderes estudantis.
- ★ Comícios contra a entrega de Fernando de Noronha estão sendo realizados nos bairros da capital paulista, com grande apoio popular. Nos últimos dias houve comícios na Penha, em Jabaquara, em Fábrica e Vila Jaguara. Os moradores do Cambuci coletaram mais de 1.500 assinaturas num memorial de protesto a ser enviado ao Parlamento.

MINAS GERAIS

- ★ Grande comício em Belo Horizonte, no dia 21, em defesa da Petrobrás, ameaçada pelas concessões do governo Kubitschek aos agentes dos tristes. Falaram os deputados Seixas Dória (UDN), Fernando Ferrari (PTB), Aurélio Viana (PSB) e outros. O comício foi promovido pelos estudantes.

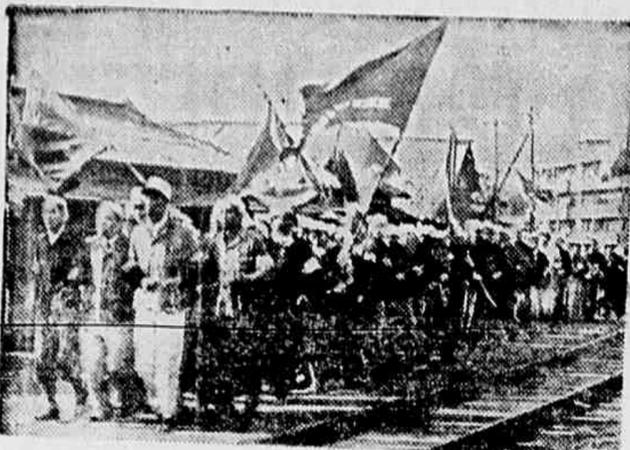
ESPIRITO SANTO

- ★ Por ocasião da conferência proferida pelo deputado Seixas Dória na Assembléia estadual, no dia 5 último, foi fundado o Movimento Nacionalista Capixaba, com o apoio de parlamentares, prefeitos, líderes sindicais, advogados, médicos e outras personalidades. A conferência foi irradiada pela emissora do governo do Estado.

- ★ O deputado Seixas Dória pronunciou uma conferência em Colatina, em solenidade presidida pelo prefeito local e com a presença dos dirigentes de todos os partidos no município. Falaram vários oradores, condenando a entrega de Fernando de Noronha e as ameaças à Petrobrás.

BAHIA

- ★ Vários deputados estaduais, de diferentes partidos, fizeram declarações à imprensa manifestando-se pela fundação do Movimento Nacionalista da Bahia: Clemens Sampaio, líder do PTB, João Carlos Dantas, da UDN, Valdir Pires, líder da maioria (PSD), Hélio Ramos, do PR, Pedro Catalão, do PTB e outros.



NO DISTRITO FEDERAL:

Os Tecelões Apresentam Tabela de Aumento Salarial

Iniciam os tecelões do Distrito Federal nova campanha por aumento de salários, premidos pela situação aflitiva em que encontram há longos meses, diante da ofensiva patronal contra seus direitos e do aumento incessante do custo de vida.

Em assembléa no seu Sindicato, a 4 de abril d'este ano, foi organizada uma Comissão Provisória, incumbida de estudar a tabela de aumento salarial, a ser proposta à classe. Isso porque o último acordo firmado entre empregados e patrões terminara a 2 de abril. No dia 18 de maio, uma nova assembléa discutiu o relatório apresentado por essa comissão e aprovou a tabela de aumento. A comissão transformou-se em Comissão Efetiva e foi ampliada com novos membros.

Pleiteiam os trabalhadores têxteis 35% de aumento de salários — Os patrões devem cessar as medidas contra os operários e exigir do governo proteção da indústria nacional — Grande assembléa realizada no Sindicato aprova a tabela de aumento salarial e constitui a Comissão de Aumento

OS ARGUMENTOS DOS OPERÁRIOS

Afirmaram os dirigentes sindicais que realmente era impossível lutar por aumento de salários sem estudar a situação financeira das empresas. E isso foi feito, tomando-se por base o relatório apresentado ao governo pelo Sindicato da Indústria de Tecidos, em dezembro de 1956. Mas esse relatório, afirmam os trabalhadores, contém afir-

mações injustas — por exemplo, não é verdade que uma das principais causas das dificuldades que enfrenta a indústria têxtil tenha sido a elevação dos níveis de salário mínimo, em junho de 56. A prova é que o poder de compra dos operários não aumentou, embora os salários tivessem sido majorados. A culpa das dificuldades, dizem os tecelões, está na política financeira do governo Kubitschek, que promove a restrição do crédito, reduz o poder aquisitivo do povo, ele-

Diante disso, aprovaram os 1º — 35% de aumento sobre os salários atuais, respeitando a hierarquia salarial; 2º — 8% sobre o salário do ano, a título de abono de Natal, ressaltando-se aqueles trabalhadores que já recebem abono mais elevado; 3º — tabela padrão para pagamento dos tarefasiros — isto é, o salário deve ser pago ao tarefairo segundo o tipo de pano por ele produzido, independentemente da quantidade de fios utilizados ou da intensidade do trabalho; 4º — pagamento das horas paradas e fornecimento de matéria prima — a fim de assegurar ao operário o recebimento integral do salário a que tem direito; 5º — direito de eleição de comissões sindicais nas fábricas, por voto direto e secreto, tal como já acontece nas fábricas de lá; 6º — Somente o 1º item desta tabela terá a duração de um ano — quanto aos outros, não têm prazo fixo de duração; 7º — o aumento pleiteado se baseia em estudos estatísticos realizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), segundo os quais se verifica que de janeiro de 1956 a fevereiro de 1957, houve um aumento de 30,5% no índice de custo de vida, na capital da República. Esses são os itens incluídos pelos trabalhadores têxteis, na tabela que acabam de aprovar.

Mais uma vez lançam-se à luta esses combativos operários, sob a pressão crescente dos industriais, que os ameaçam de dispensa em massa e do governo, cuja política antioperária e antinacional agrava enormemente suas condições de vida.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.

Firmemente organizados em seu sindicato, os tecelões cariocas darão nova demonstração de unidade e disposição de luta.



va os impostos, e reduz o comércio exterior.

É falsa também, por outro lado — argumentam os trabalhadores — a saída encontrada pelos industriais, para as suas dificuldades: dispensa em massa, redução da jornada de trabalho e do número de dias, (com a consequente redução do salário) etc.

Os responsáveis pela crise são o governo e os patrões — eis a conclusão a que chegaram os operários têxteis cariocas. E a solução consiste em mudar a política fletelões do D.F. a seguinte tabela de aumento de salários:

nanceira do governo, em se unirem os industriais aos operários a fim de exigir do governo medidas concretas contra as dificuldades; e em reforçar a unidade dos operários, em defesa de seus interesses, para impedir que os patrões atentem contra os seus direitos.

A TABELA DO AUMENTO

IMPORTANTE ASSEMBLÉIA RURAL

Em Tabatinga do Norte (São Paulo), realizou-se importante concentração de camponeses, promovida pela Associação dos Trabalhadores Rurais. Ali foram debatidos assuntos de enorme importância para os trabalhadores do campo: reconhecimento da Associação, para que a mesma se transforme em sindicato; jornada de 8 horas de trabalho; férias e salário-mínimo.

A fim de poderem participar dessa reunião, muitos camponeses chegaram a vender galinhas e leitões, para poder enfrentar as despesas com a viagem.

Ao participarem dos debates, alguns dos trabalhadores destacaram a necessidade de contar com a ajuda do Pacto de Unidade Intersindical de São Paulo, se quiserem ser vitoriosos em suas reivindicações.

Preparando o IV Congresso Sindical Mundial

No Japão, a unidade dos trabalhadores faz grandes custos. Sob a direção da grande central nacional sindical autônoma, o SOHYO, de acordo com outras centrais, numerosas lutas são sustentadas, em particular para o aumento dos salários, contra a ocupação americana de certas bases, contra a guerra e pela interdição das bombas A e H. Na fotografia, os trabalhadores de uma fábrica de cimento em luta por aumento de salários.

Revisão do Salário-Mínimo

A I Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal, realizada recentemente, aprovou importantes resoluções relativas à luta dos trabalhadores pela revisão dos atuais níveis de salário mínimo.

Damos, a seguir, um resumo dessas resoluções:

— reajustamento geral de salários, à base da revisão do salário mínimo. um comando único intersindical, deverá ser instituído, para realizar uma campanha urgente, que mobilize todas as forças dos trabalhadores.

— salário móvel — como meio prático para a sua instituição, reivindicam os trabalhadores a reforma imediata do art. 87 da Consolidação das Leis do Trabalho e que os acordos de aumento de salário e de dissídio coletivo, possam ser revistos de 6 em 6 meses. Para isso, exigem os trabalhadores um serviço perfeito de estatísticas, nos órgãos governamentais.

— salário profissional — não inferior ao dobro do salário mínimo.

— salário noturno — o horário noturno, exigem os trabalhadores cariocas, deve ser contado a partir de 18 horas de um dia, às 6 horas do dia seguinte (e não a partir das 22 horas, como atualmente),

Importantes resoluções aprovadas pela I Convenção dos Trabalhadores do D. Federal

elevando-se a taxa de acréscimo de 20 para 30% do salário integral e respeitada a taxa de insalubridade. Além disso, a jornada de trabalho noturno deve ser reduzida para 6 horas.

— salário-família — deve ser pago proporcionalmente ao número de filhos e dependentes que possui o assalariado, não devendo tal pagamento ser inferior ao abono de que desfruta atualmente o funcionário civil.

— adicionais por tempo de serviço — resolveu a Convenção, que tais adicionais deverão ser pagos nas seguintes bases: ao operário com mais de 10 anos de serviço — 15% com mais de 20 anos — 25%.

— adicional de insalubridade — deverá ser criada uma comissão intersindical para estudar essa questão.

— participação nos lucros — manifestou-se a Conven-

ção contra os projetos em andamento na Câmara Federal, a esse respeito; propôs criar uma Comissão intersindical para regulamentação do inciso 4º do art. 157 da Constituição, que trata do assunto.

— abono de faltas por motivo de exame ou frequência em curso de caráter oficial — deverá ser enviado ao Congresso Nacional um anteprojeto de lei, concedendo abono integral ao trabalhador nesse caso.

— salário e imposto de renda — decidiu a Convenção que a legislação sobre imposto de renda deve ser alterada para que se estabeleça a total isenção dos salários do trabalhador, uma vez que o salário não é renda e os assalariados já estão sujeitos a encargos diversos e sofrem diretamente a constante elevação do custo de vida.

Essas importantes resoluções indicam algumas das principais exigências que os trabalhadores cariocas apresentam ao governo do Sr. Juscelino Kubitschek e pelas quais estão decididos a lutar.

Experiências Para as Lutas dos Trabalhadores

As comemorações do 1º de Maio último revelaram mais uma vez o acentuado desejo de luta das massas trabalhadoras brasileiras. De todos os recantos do país nos chegam correspondências, dando-nos conta do que se fez ali para a mobilização da classe operária, dos camponeses e demais trabalhadores na luta por suas reivindicações e direitos, bem como em defesa das liberdades democráticas e da soberania nacional. Cada Estado da Federação, cada cidade, mesmo aquelas do interior, apresentaram formas próprias na sua programação, mas o conteúdo das mesmas era invariavelmente a unidade da classe operária para a defesa das suas reivindicações políticas e econômicas.

EM ARACAJU

Por exemplo, os trabalhadores da pequenina Aracaju, capital do Estado de Sergipe, incluíram na sua programação: alvorada com fogos de artifícios, palestras, missa, etc.; mas os festejos culminaram com uma grande concentração em uma das principais praças da cidade, onde se congregaram os trabalhadores sob as bandeiras de te-

dos os sindicatos de Aracaju, das federações dos trabalhadores, da Delegacia da CNTL, com o apoio da Delegacia Regional do Trabalho e demais autoridades. Nesta ocasião, os trabalhadores apresentaram uma Carta de Reivindicações dos Trabalhadores de Sergipe, base para suas lutas reivindicatórias.

Este fato constituiu um grande acontecimento no movimento sindical sergipano e indica que os trabalhadores daquele Estado prosseguirão com redobrado vigor a luta por melhores condições de vida.

EM SANTIAGO, NO R. G. DO SUL

Em Santiago foi organizado um churrasco do qual participaram cerca de 600 pessoas. O gado abatido para o churrasco foi oferecido por fazendeiros locais.

Após o churrasco, realizou-se um comício onde falaram camponeses, ferroviários e trabalhadores de outras categorias. Em seus discursos os trabalhadores, ao mesmo tempo que levantavam suas reivindicações, esclareciam os presentes sobre a situação política do país e sobre a po-

lítica entreguista realizada pelo governo do sr. Kubitschek. Finalmente aprovaram uma resolução de enviar um memorial aos deputados Flores da Cunha e Fernando Ferrari, pedindo o seu apoio à luta pela anulação do "ajuste" de Fernando Noronha.

Essas duas experiências nos mostram que, em sua luta, os trabalhadores podem utilizar as mais diversas formas, sem contudo afastar-se do objetivo da defesa dos seus direitos, das liberdades democráticas e da soberania nacional, ameaçados pelos entreguistas.

Lutam Por Aumento os Bancários

Numa assembléa das mais concorridas, iniciaram os bancários cariocas sua luta por aumento de salários. Lançam-se assim, uma vez mais, a uma vigorosa campanha pela conquista de melhores condições de vida.

Por proposta apresentada pela diretoria sindical, foram aprovados três itens: 45% de aumento; mínimo de 50% do salário mínimo vigente em cada região e prazo de duração do acordo — 29.6.57, a 9.6.58. Outros itens da proposta apresentada deverão ser examinados pelas comissões de secção.

Um voto de louvor foi aprovado pela assembléa, ao presidente do IAPB, em virtude do parecer favorável que deu à pretensão dos bancários de conquistarem a jornada de 6 horas.

Em campanhas anteriores, em revelado os bancários cariocas grande disposição de luta e espírito de unidade. Tudo indica que também agora, prepararam-se para conduzir sua luta até a vitória final.

BOLETIM DO DEBATE

O trabalho publicado no órgão do P.C. Chinês: «Novamente sobre a experiência histórica da ditadura do proletariado», transcrito em «Notícias de Hoje» de 7-2-57, constitui uma inestimável contribuição teórica à ciência marxista-leninista. Este editorial representa a sábia generalização das discussões que se estão ferindo nas fileiras dos PP.CC. de todo o mundo sobre os problemas levantados pelo XX Congresso do P.C.U.S. Estamos convencidos de que os camaradas chineses, longe de pretenderem dar a última palavra sobre os referidos problemas, modestamente, sem nenhuma arrogância, presunção ou auto-suficiência, conseguiram elaborar um documento esclarecedor e interpretativo dos assuntos ali tratados.

I

Destaca o editorial que o fato fundamental da situação política internacional é o antagonismo entre o bloco imperialista agressivo e as forças populares de todo o mundo. Sem dúvida esta é a contradição fundamental da atual conjuntura mundial. A história das lutas que os povos de diferentes países travam pela independência política de suas pátrias, no decorrer desses últimos anos, comprova esta afirmação. No passado recente as potências imperialistas procuraram impedir que o povo chinês conquistasse a independência política de sua pátria. Organizaram uma intervenção armada contra a China e sustentaram as forças reacionárias internas, para evitar a vitória da Revolução. Foram 27 anos de duras lutas, em todos os terrenos. Mas o povo chinês, dirigido pelo P.C., foi vitorioso e hoje constrói uma vida de felicidade, de paz e de bem-estar. Os povos de todos os países que lutam pela emancipação política e econômica de suas pátrias, aprendem pela sua própria experiência, uma importante lição, a de que, onde quer que se levantem lutas libertadoras e patrióticas as potências imperialistas procuram esmagá-las.

Partindo dessa tese podemos concluir que a luta pela completa independência política, econômica e pela execução dos objetivos revolucionários da classe operária, dos camponeses e demais camadas de nosso povo, choca-se frontalmente com os interesses do imperialismo norte-americano, no Brasil. Esses interesses aumentam na medida em que se aprofunda a decomposição do sistema colonial-imperialista, na proporção que os países da África e da Ásia que já conquistaram a sua emancipação política encontram nos países socialistas apoio e estímulo para se transformarem em poderosas nações; na medida em que se aprofundam a luta de outros povos pela independência de suas pátrias e que se aguçam a luta entre os diferentes países imperialistas pela conquista de novas esferas de influência.

Face a esta situação os imperialistas norte-americanos procuram a cada dia que passa fortalecer mais e mais as suas posições em nosso país. Daí a pressão que os círculos do Departamento de Estado dos Estados Unidos tem exercido sobre os governantes brasileiros. Daí a política entreguista e de facilidades aos trustes norte-americanos seguidas por todos os governos que o Brasil tem conhecido até hoje.

A experiência dos povos que já se libertaram nos indica que o povo brasileiro só poderá se transformar num povo livre da exploração dos monopólios norte-americanos, dos latifundiários e grandes capitalistas nacionais se lutar revolucionariamente pela destruição do atual regime político e construir sobre suas cinzas um regime novo, que seja a expressão dos interesses e das aspirações da maioria de nosso povo. A classe operária e os camponeses revolucionários de nossa pátria só poderão conquistar tal regime se forem orientados e dirigidos pelo P.C. e se tomarem o poder político em suas próprias mãos, instaurarem uma ditadura revolucionária e realizarem as transformações básicas e essenciais ao bem-estar do povo.

Reconhecer a necessidade da transformação revolucionária da sociedade capitalista em socialista — eis a questão fundamental, eis a pedra de toque que diferencia os verdadeiros marxistas-leninistas dos oportunistas, reformistas, direitistas e revisionistas.

Compreender isto, e ver que este é o único caminho capaz de resolver os problemas da revolução brasileira, representa uma importante tarefa dos comunistas brasileiros, que tudo devem fazer no terreno político, ideológico e teórico contra as tendências revisionistas, reformistas e de direita claramente defendidas por alguns camaradas e organismos do Partido. Tais «teses» e tendências em nosso meio surgem com o pretexto de combater supostas «teses» sectárias do Partido.

Considerações Sobre os Debates à Luz Dos Ensinamentos do "Jen Min Ji Pao"

LAURO SILVA

A resolução do C.R. do Ceará, considera um erro do Partido querer levar as massas «a lutar por objetivos acima da sua compreensão». Considera sem dúvida «objetivos acima de sua compreensão» a luta que a classe operária, os camponeses e demais forças revolucionárias da sociedade brasileira devem travar pela derrubada do governo de latifundiários e grandes capitalistas e a instauração do governo democrático de libertação nacional, em nosso país.

Não é por acaso que o referido documento nada diz a respeito da liquidação do latifúndio, já que defende a tese da possibilidade de alianças com estes. O referido documento defende «a participação dos capitais norte-americanos na economia brasileira» (artigo de Ruy Facó — V.O. de 9 de fevereiro de 1957).

Por outro lado os camaradas do C.R. de Minas Gerais, em documento publicado (VOZ OPERÁRIA, 2-2-57), acentuam que o Programa do Partido fez uma análise unilateral dessa realidade, levando-nos a posições sectárias que não contribuíram para a unificação das forças progressistas. Além de desferirem contra o Programa uma série de ataques, de proclamarem abertamente a necessidade de uma revisão e de defenderem teses reformistas acentuam sem nenhuma simplicidade e modéstia que «julgamos errado, hoje, falar no predomínio das relações de produção semi-feudais, retrógradas. Diversos fatores — acrescentam, — nos levam a constatar o predomínio das relações de produção capitalistas».

No entanto, os camaradas de Minas Gerais não dizem uma palavra a respeito da situação das massas camponesas e de assalariados agrícolas e nem demonstram em poder de quem se encontra a maior parte das terras no Estado. Dizem, ao se esquecerem por completo da situação de miséria, de fome e de atraso em que vivem as grandes massas de trabalhadores mineiros, que «a penetração capitalista atinge o campo, principalmente pela transformação gradativa de latifundiários em latifundiários aburguesados» e que «a burguesia é em Minas, no fundamental, uma força econômica e politicamente ativa em defesa do progresso e do desenvolvimento do país». Também a resolução de dezembro do ano passado, do C.R. Norte Paulista, publicada na edição da VOZ OPERÁRIA de 5-1-57 contém erros semelhantes. A citada resolução não levanta nenhuma reivindicação revolucionária. Acentua «que a luta dos pecuaristas da região em defesa da pecuária nacional e contra os frigoríficos estrangeiros é nobre e patriótica, da mesma forma que a luta dos fazendeiros por melhores preços para o café e por novos mercados, também é justa e o Partido deve apoiar e participar.» No entanto a resolução levanta de maneira fraca e tímida as reivindicações das massas de camponeses pobres, de assalariados agrícolas, dos operários e das massas populares. Não ergueu a bandeira de luta por uma reforma agrária democrática, contra o aumento dos impostos, contra a carestia e pela conquista de direitos políticos e sociais para o homem do campo.

Ao analisar o desenvolvimento industrial do país, os documentos discutidos, dos quais a resolução do C.R. Norte Paulista é uma expressão, tratam de maneira unilateral este desenvolvimento e fogem do espírito revolucionário de classe. A resolução enaltece este desenvolvimento, exagera o papel da burguesia nacional e escurece o papel desempenhado pelas campanhas patrióticas e nacionalistas, dirigidas pelo P.C.B. Contém palavras elogiosas aos latifundiários. Entretanto, não acentua que o desenvolvimento industrial a que o país assiste, se faz às expensas da intensificação da exploração dos trabalhadores da cidade e do campo.

O documento de dezembro do C.R. Norte Paulista, no fundamental, se limita a levantar reivindicações de caráter puramente reformista. Esquece que a situação das massas trabalhadoras da região é a consequência direta do atual sistema de exploração, fruto do regime político em que vivemos, que garante o monopólio da terra. Não mostra às massas que a solução definitiva dos seus problemas depende da realização da reforma agrária democrática e de outras medidas de caráter democrático-radical, em nosso país. Não é difícil compreender que tais «teorias»

revisionistas e de tendências direitistas, longe de atender aos interesses da classe operária e do povo, favorecem e servem aos interesses dos imperialistas.

II

O editorial também analisa detidamente a questão do culto à personalidade de Stálin.

Ao tratar deste assunto o faz com equilíbrio e sem nenhuma arrogância. Acentua claramente os lados positivos e os lados negativos da atuação de Stálin.

Ao iniciarmos em nosso país a discussão sobre os problemas abordados pelo XX Congresso do P.C.U.S. e em particular, os relacionados com o combate ao culto à personalidade de Stálin, incorremos em muitos exageros. Chegou-se a equiparar os crimes praticados pelos imperialistas norte-americanos e pelos nazistas alemães, aos exageros praticados por Stálin nos últimos dias de sua vida. Alguns camaradas consideram que tais excessos eram «sintomas de degenerescência do regime socialista soviético» e que «só viam sangue e lama».

Tais camaradas não encontravam dificuldades em concluir que não «existia nenhuma diferença entre o regime capitalista e o socialista», porque em ambos eram «praticados crimes contra pessoas indefesas».

As manifestações de descrédito e de falta de confiança na U.R.S.S. e no regime socialista em geral, também foram abundantes. Claro está que esta maneira de analisar e interpretar os erros cometidos por Stálin, só poderia reforçar a campanha ideológica orientada pelos círculos imperialistas contra o Partido e contra o movimento comunista internacional. A imprensa mantida pela embaixada dos E.E.U.U., em nosso país, divulgava as mais terríveis mentiras contra nós, procurando demonstrar que o P.C. estava desagrado e que os princípios fundamentais por que luta estavam superados. E o pior é que os jornais da imprensa democrática não assumiram a defesa nem do Partido e nem dos postulados marxistas.

Ao falar de Stálin, o editorial de abril de 56 do citado jornal acentua que ele deu uma grande contribuição ao progresso da U.R.S.S., ao movimento comunista internacional e que «explicou de forma criadora o marxismo-leninismo». Stálin defendeu o legado de Lênin contra os ataques dos mais ferozes inimigos do leninismo.

O culto à personalidade de Stálin surgiu, se desenvolveu e atingiu tal ponto durante a luta pela industrialização, pela coletivização da agricultura, pela vitória completa do socialismo na U.R.S.S. e nos anos da grande guerra pátria contra os exércitos de Hitler. As vitórias conquistadas pelo Estado e o povo soviético, eram glórias para Stálin, já que este estava à frente do Partido e do Estado Soviético. O seu nome está estreitamente vinculado a todos esses êxitos e a todas essas vitórias.

No entanto, muitos camaradas, ao realizarem o combate à personalidade de Stálin, confundem os lados negativos com os lados positivos de sua atuação e passam a desferir ataques indiscriminados contra as obras de Stálin, procurando destruir tudo no terreno teórico que ele foi capaz de criar... «os trabalhos de Stálin devem ser ainda como antes, seriamente estudados... «As suas obras representam um legado histórico de grande valor. Nêles estão contidos valiosos trabalhos que defendem o leninismo e bons resumos sobre a experiência da construção socialista na U.R.S.S. Os trabalhos teóricos de Stálin devem ser obrigatoriamente estudados por todos os homens de vanguarda. Os camaradas chineses acentuam que há duas maneiras de estudá-los. A forma marxista e a doutrinária. Estudar os escritos de Stálin do ponto de vista marxista significa estudá-los criticamente, afastando tudo que possa nos conduzir a uma aplicação dogmática dos seus ensinamentos, evitando o doutrinarismo, característica daquele que tem preguiça de pensar. Devemos saber distinguir nêles o que é correto e o que não é correto. E tomar teses de seus escritos como um guia para a ação e não como um dogma. Aplicar criadoramente o marxismo significa

aplicar esta ciência às condições peculiares de cada país. Ao analisarmos o problema do culto à personalidade de Stálin e suas consequências para o movimento comunista internacional o devemos fazer partindo do ponto de vista de que Stálin e outros dirigentes comunistas erraram e que devem ser criticados, mas como camaradas, e não como muitos fazem, considerando-os inimigos. A justa maneira de encarar os erros praticados por um ou outro dirigente do Partido e os motivos que os levaram a cometê-los tem muita importância. A maneira comunista de criticar, maneira franca, leal, fraternal e construtiva deve ser sempre empregada.

Os camaradas chineses nos dão uma grande lição a esse respeito. Dizem eles: «Quando os erros são praticados por um comunista no curso de seu trabalho, o que está em causa é a questão entre o certo e o errado nas fileiras partidárias, mas não um litígio entre nós e o inimigo na luta de classes». Com aquele que cometeu erros «devemos adotar uma atitude de companheirismo», eis um ensinamento importante dos comunistas chineses. Ao criticarmos um camarada «devemos defender o que é certo, correto em seu trabalho, enquanto criticamos seus erros, sem atacar em bloco todos os seus atos». A maneira de colocarmos a questão do certo e do errado representa para nós uma grande lição. Com aqueles que cometem erros não devemos assumir uma «atitude completamente negativa» e nem tratá-los com hostilidade, atirando contra eles tal ou qual rótulo. A eles devemos ajudar, criticar e indicar o justo caminho que lhes permitam eliminar as deficiências no seu trabalho. Fô só assim aprender «a lição de que necessitamos». O erro é a mãe do acerto. No transcurso de nossas atividades temos cometido muitos erros. A história de nosso Partido é rica de ensinamentos neste sentido, os erros do passado representaram para nós ensinamentos e nos permitiram evitar que pratiquemos erros iguais.

III

A questão abordada pelo editorial referente «à experiência fundamental da União Soviética na revolução e na construção» merece de nossa parte particular atenção. Os cinco pontos básicos, que são verdades universais do marxismo-leninismo sobre o caminho da revolução de outubro, constituem feliz generalização teórica da experiência revolucionária da luta pela conquista do poder político pelo proletariado russo.

O problema dos diferentes caminhos para a vitória do socialismo, em nosso país tem sido bastante discutido no Partido e nas colunas da imprensa democrática. Surgiram em nosso meio opiniões as mais diversas a este respeito. Alguns chegaram a negar por completo a necessidade da luta revolucionária e a própria caracterização da revolução em nosso país, em sua primeira etapa, com firme constância do Programa do Partido. Estes camaradas confundem, segundo pensamos duas coisas distintas. A luta revolucionária armada, na primeira etapa, e a luta revolucionária pela vitória da revolução na segunda etapa. Quanto à violência de que o proletariado brasileiro, dirigido pelo nosso Partido, terá que empregar para que seja vitoriosa a revolução em sua primeira etapa não devemos ter dúvida. Vencida esta e realizadas as transformações básicas plasmadas no programa, transformações que são ditadas pela própria caracterização da atual etapa de nossa revolução, entraremos na segunda etapa.

Quanto à questão de que caminho a revolução socialista, em nosso país seguirá se pacífico ou de guerra civil, isto será determinado pelos próprios acontecimentos. Depende de uma série de fatores de ordem interna e externa. O caminho para a revolução socialista ser vitoriosa em nosso país será oferecido pelas condições locais e peculiares do Brasil. «No curso da revolução e da construção — diz o editorial — em diferentes países aparecem, ao lado de aspectos comuns a todos, aspectos diferentes. Neste sentido, cada país tem seu próprio caminho específico de desenvolvimento». O estudo desses pontos, relacionado com os debates que travamos através da imprensa e do Partido nos permite compreender uma série de problemas teóricos e práticos, que necessitam de solução. No Partido tem surgido, e pretexto de discutir estas questões, manifestações revisionistas, oportunistas e divisionistas. Camaradas, alguns equivocados e outro não, procuram difamar o Partido, cindindo-o e minar a sua unidade. O método de discussão e a linguagem empregada por muitos articulistas ajudam o trabalho da reação contra o nosso Partido. Os porta (Conclui na 7ª página)

O NACIONALISMO BURGUES E A LUTA IDEOLÓGICA EM NOSSO PARTIDO

Apolônio de Carvalho

Vivemos uma época de intensa luta de classes — econômica, política e sobretudo ideológica. Maurice Thorez do fimura, há pouco, como «o período mais intenso e mais importante do combate ideológico entre a burguesia e o proletariado». Isso explica o florescimento do revisionismo, sob formas várias, no movimento operário e comunista. Em seu editorial de 29 de dezembro último, o «Jemingpao» chama a analisar essas tendências — partindo das posições de classe e da luta de classes no plano internacional. Os camaradas chineses frisam que as tendências revisionistas se desenvolvem, particularmente, nos últimos 12 anos; e que elas visam, antes de tudo, afastar a classe operária do caminho comprovado do marxismo-leninismo. A realidade é que, mais que nunca, «na luta de classes contra o movimento operário, a burguesia vê hoje sua arma principal no revisionismo e no oportunismo». (Roger Garaudy — «Liberalismo e Comunismo» — «Cahiers», n. 4, 1957). Como ontem, o revisionismo continua sendo a expressão dos interesses da burguesia no seio do movimento operário. A elevação da consciência política do proletariado, a crescente experiência própria das grandes massas trabalhadoras, a irradiação e a encarnação na vida das idéias do marxismo-leninismo tornam essa forma de luta de classes ainda mais cara e imperiosa para as forças do imperialismo. O revisionismo procura o «compromisso» com as classes dominantes, a fim de alcançar certas reformas «por cima», sem tentar derrubar, pela luta de massas, as classes do poder. Ele teme, acima de tudo — frisa Garaudy — o movimento de massas, a ação autônoma da classe operária. Por isso mesmo, ele traz em si, como acompanhamento natural, o abandono dos interesses específicos da classe operária, a negação de seu caráter revolucionário, de sua missão histórica, da base científica de sua ideologia. Isto é: a renúncia completa a uma posição independente, a uma política própria, proletária, de classe. «O essencial é que a classe operária não pretenda construir uma força independente, e perseguir seus objetivos revolucionários».

Os revisionistas visam, com isso, apagar ou silenciar o que distingue radicalmente a classe operária, na sociedade contemporânea como no curso da história: sua missão emancipadora — isto é — abolir a exploração do homem pelo homem, libertar-se a si mesma e libertar as massas trabalhadoras em geral; suas características típicas — como a única classe consequentemente revolucionária de nossa época e como a primeira classe de vanguarda que, não sendo uma classe exploradora e estando armada com uma ideologia científica — é levada, por suas próprias condições de existência, à luta revolucionária e libertadora consequente e ao democratismo consequente, sem compromissos até o fim. O proletariado tem, porém, seu partido de classe — o Partido Comunista. Para afastar o exército dos proletários da ação revolucionária independente, para transformá-lo num apêndice da burguesia, seria necessário negar ou deformar as características específicas desse partido de classe, como partido operário revolucionário de novo tipo, como instrumento fundamental da revolução. Seria necessário retroceder às características dos partidos da II Internacional — instrumentos de paz social e não da luta de classes revolucionária. Daí, a luta da burguesia por liquidar até mesmo a concepção de partido de novo tipo, como organização de combate, como partido da ditadura do proletariado. Negar o Partido seria, antes de tudo, negar seus princípios básicos — teóricos, programáticos, táticos, de organização. O marxismo define-se também pela unidade desses princípios. «O terreno sobre o qual se constrói nosso Partido — escrevia o camarada Stálin — é a unidade dos pontos de vista programáticos, táticos, de organização». Recorde-se, por exemplo, o programa de Lênin, aprovado em 1903. Era o primeiro modelo de programa de um partido de novo tipo. O que o distinguía fundamentalmente de todos os programas da II Internacional eram peculiaridades como a idéia do papel dirigente do partido marxista no movimento operário, a idéia da hegemonia do proletariado na revolução e da aliança operário-camponesa, a idéia da ditadura do proletariado. Assim se ligam e se fundem, numa só concepção, o programa da revolução social, visando a ditadura do proletariado; o partido da revolução social, partido da ditadura do proletariado; uma tática para alcançar esse objetivo, tendo por base a hegemonia do proletariado na revolução.

Em essência, o revisionismo visa, pois, desarmar a classe operária, afastá-la de uma posição autônoma, privá-la de uma política independente. A experiência mostra que, para isso, os caminhos são variados mas têm elementos comuns: nivelar as classes, apagar o que as distingue e caracteriza e por seu caráter, seu papel histórico, suas condições de existência; negar, deformar, revisar o marxismo-leninismo; desagregar, minar os partidos de novo tipo, através da violação e da negação de seus princípios fundamentais. Daí, a variedade das formas com que se apresenta o revisionismo: o liberalismo — como instrumento de negação do caráter revolucionário da classe, de sua ideologia, de seu Partido; o combate ao dogmatismo, ao «estalinismo» — como cortina para o combate aos princípios fundamentais da doutrina marxista-leninista; o combate à cópia à URSS — como meio para negar o caminho de Outubro e a experiência soviética; a luta contra o internacionalismo proletário; e outras.

Essas formas de revisionismo aparecem formuladas, também, nos debates levados a efeito em nossa imprensa. Tomemos o liberalismo: ele se revela na negação da linha divisória entre os dois sistemas, no esquecimento do conteúdo de classe e da política de classe dos Estados que compõem esses sistemas; na negação dos princípios básicos que marcam, como um carimbo de classe, o partido marxista-leninista; na nivelção entre a classe operária e as classes e camadas sociais da sociedade contemporânea. Ai estão as teses de Armando Lopes da Cunha sobre o capitalismo de Estado e os elementos de socialismo em nosso país; de Osvaldo Peralva sobre novos direitos para a minoria; de Ernesto Luiz Maia, Quintino de Carvalho, João Batista de Lima e Silva e outros, sobre internacionalismo proletário tomado como conceito puro, desligado da luta de classe; a apologia por Carlos Duarte e outros da «liberdade de crítica» como a liberdade de introduzir, no partido da classe operária, os pontos de vista e as teses do inimigo de classe; a renúncia de Caio Gabriel ao princípio da hegemonia do proletariado. É fácil compreender o que essa ideologia antiproletária, capitulacionista, dissolvente, representaria no

seio do proletariado, se penetrasse a fundo. Ai estão também os ataques às teses e dogmas «caducos». Em sua maioria, eles escondem mal a renúncia à concepção materialista da história, o silêncio sobre as leis objetivas do desenvolvimento da sociedade, o abandono da concepção marxista da luta de classes.

Uma influência toda particular têm, porém, entre nós, as tendências nacionalistas. O nacionalismo burguês é o mais enraizado, mais resistente e vivo dos preconceitos inoculados pela burguesia na consciência dos homens. Ele tem um campo fértil e fácil em países como o nosso, de economia atrasada — países ainda pequeno-burgueses — em que a etapa de libertação nacional facilita a confusão entre os objetivos e as ideologias da burguesia e do proletariado. Eis porque a ofensiva ideológica do imperialismo se faz, tão amplamente, à base da influência do nacionalismo burguês. É que, em sua essência de classe, o nacionalismo é um princípio especificamente burguês. Ele serve à burguesia para mascarar, com a roupagem nacional, seus interesses e objetivos de classe.

Ele se opõe, irreconciliavelmente, ao internacionalismo, assim como a burguesia se opõe ao proletariado. Daí, o seio de classe: nacionalismo burguês, internacionalismo proletário. O internacionalismo predica a luta de classe, no interior das sociedades antagônicas — e a solidariedade internacional dos trabalhadores, em sua luta comum contra o inimigo comum — o capital. Negá-lo — seria desarmar a classe operária: «O capital é uma força internacional — ensina Lênin. Para vencê-lo, é necessário a aliança internacional dos operários, sua solidariedade internacional».

Já o nacionalismo é o instrumento ideológico para a «paz social» interna, para as competições em torno de mercados, para a opressão nacional e colonial. Ele é particularmente atuante entre as camadas médias da população. No seio da classe operária e das massas trabalhadoras, a tendência ao nacionalismo representa a adaptação da política internacionalista da classe operária à política nacionalista da burguesia. Eis porque o nacionalismo burguês é indissolúvelmente ligado ao anti-sovietismo, ao anticomunismo — e, ao mesmo tempo, a uma política cosmopolita que não vacila em trair o interesse nacional toda vez que estão em jogo os interesses de classe — face à luta de classes e sob o medo do movimento de massas. Aqui, aparece bem clara a diferença entre o nacionalismo, jungido e limitado ao interesse de classe e o patriotismo amplo e sadio das massas trabalhadoras, das forças interessadas no progresso e na libertação nacional efetiva — cujos interesses e reivindicações não se separam, objetivamente, do interesse nacional. Esse patriotismo está indissolúvelmente ligado ao internacionalismo proletário — como expressão de solidariedade humana e de combate. Marx o assinalou ao fundamentar que «não pode ser livre um povo que oprime a outro povo». A liberdade, o progresso, a paz, o orgulho nacional aparecem assim como um patrimônio comum, fora das limitações de classe e de fronteiras. O verdadeiro patriota — escrevia Lênin — é aquele que luta contra os inimigos estranhos à sua pátria. «O interesse do orgulho nacional dos grãos-russos coincide com os interesses socialistas dos operários grãos-russos (e de todos os proletários)».

Eis porque a classe operária é a campeã do verdadeiro patriotismo. Ela é portadora consequente do internacionalismo, o lutador consequente contra o jugo nacional. A burguesia não pode dirigir com consequência a luta nacional-libertadora. Ela busca a conciliação, o compromisso. Em «As guerras camponesas na Alemanha», Engels mostrara já, no prefácio, que

«a particularidade que distingue a burguesia das demais classes dominantes que a precederam consiste precisamente em que em seu desenvolvimento existe um ponto de viragem após o qual, todo aumento de seus meios de poder — e, portanto, seus capitais, em 1.º lugar — tão somente contribui para fazê-la cada vez mais incapaz para o domínio político. Atrás da burguesia está o proletariado. Na medida em que a burguesia desenvolve sua indústria, seu comércio e seus meios de comunicação, na mesma medida engendra o proletariado. E ao chegar a um determinado momento, que não é o mesmo em toda parte e que não é obrigatório para determinada fase de desenvolvimento, a burguesia começa a dar-se conta de que seu inseparável acompanhante, o proletariado, começa a sobrepassá-la. Desde esse momento, perde a capacidade de exercer o domínio político exclusivo e busca em torno de si aliados, com os quais reparte seu domínio, ou aos quais, segundo as circunstâncias, cede esse domínio por completo». (Obras Escolhidas, t. 2, pg. 601).

Assim, a influência nacionalista não serve à burguesia apenas no plano internacional — para o combate à unidade do sistema socialista e do movimento operário.

Um papel igualmente importante cabe-lhe no quadro da luta de classes no interior de cada país capitalista. Ela contribui, antes de tudo, para reduzir o proletariado e as massas trabalhadoras em seu conjunto — à condição de apêndice político da burguesia. «A burguesia — escreve o camarada Stálin — procura criar o seu exército com os operários e os camponeses, sob a bandeira nacional». A negação da autonomia da classe operária abre, é claro, as portas à negação do movimento revolucionário, da teoria revolucionária, do partido marxista. Em si-mesma, porém, ela já é a base segura, essencial, para o revisionismo, o oportunismo e suas consequências.

«O liquidacionismo — explica Lênin, em «Questões em litígio» — não é só a negação do Partido: é também a negação da independência de classe do proletariado, a corrupção de sua consciência pelas idéias burguesas». Marx e Engels chamam, respectivamente, a atenção para esse perigo — desde os primeiros passos da criação do partido político da classe operária. «O partido operário — escreve na «Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas» — tem necessidade de apresentar-se com o máximo de organização, de unidade e de autonomia, se ele não quer... ser arrastado a reboque da burguesia e ser explorado por ela».

É fácil compreender a influência nacionalista na negação dos princípios essenciais do partido da classe operária. Não se trata apenas do antagonismo entre nacionalismo e internacionalismo: a conciliação de classe, a «paz social» tem por

base a iniciativa e o papel dirigente da burguesia, como classe dominante. A burguesia aparece, assim, como força hegemônica, campeã da luta de libertação nacional. Ora, negar a hegemonia do proletariado é negar a aliança operário-camponesa, é negar a ditadura do proletariado e com ela, a teoria marxista da luta de classes, a própria ciência do marxismo-leninismo. Assim, a influência nacionalista procura dissolver, corromper, um a um, os princípios do partido marxista.

Em resumo: o nacionalismo serve à burguesia sob todos os aspectos: nega a política independente da classe operária; tenta arrastá-la à paz social, ao caminho reformista e à perpetuação da escravidão assalariada; leva a uma aparente nivelção das classes, dentro da «união nacional», que, na prática, nada mais é que a subordinação do proletariado e das massas trabalhadoras à política e à exploração burguesas; nega, assim, todo movimento revolucionário — e, com isso, a necessidade de uma ideologia revolucionária e de um partido revolucionário para o proletariado.

Um exemplo típico da influência nacionalista é o esquema de forças apresentado pelo camarada Caio Gabriel, nos números 395 e 396 de VOZ OPERÁRIA.

Sua primeira característica é a negação de uma política autônoma à classe operária. O proletariado é chamado a somar-se à burguesia, tomada como um todo — contra o imperialismo americano. Mesmo a chamada frente nacionalista, a que a classe operária é convidada a incorporar-se, é apresentada como algo já estruturado, sob a influência direta da burguesia em seu conjunto. O proletariado só poderia ter ali uma posição subordinada — pois do esquema de forças não consta o campesinato, seu aliado fundamental. Burguesia e proletariado — os dois grandes campos opostos da sociedade capitalista — são vistos sob o mesmo prisma, como forças da revolução. Não se distinguem a natureza, o caráter, o papel histórico, na sociedade contemporânea — e portanto os objetivos, as limitações, a ideologia, a consequência ou inconsequência das diferentes forças que têm interesse na luta de libertação nacional. Assim se nivelam as forças sociais consequentemente revolucionárias e as que temem a revolução e sonham com as reformas e os compromissos — como um fim; exploradores e explorados; o democratismo limitado e medroso e o democratismo aberto e consequente. A decorrência natural de tudo isso é a negação da luta de classes do proletariado, visando o socialismo. A negação do caráter revolucionário da classe operária leva, inexoravelmente, à negação da doutrina e ao abandono do Programa, da estratégia e da tática revolucionárias do partido marxista-leninista.

A renúncia à hegemonia do proletariado é o traço mais gritante do oportunismo das teses do camarada Caio Gabriel. Na realidade, entretanto, a negação da hegemonia e da ditadura do proletariado, da necessidade do partido de novo tipo, de suas palavras de ordem revolucionárias e da aliança operário-camponesa — tudo isso está já contido, desde a origem, na condenação da classe operária à condição de apêndice da burguesia. A capitulação ante o nacionalismo burguês leva, assim, à expressão mais aberta e completa do revisionismo, do liquidacionismo.

Essa definição de caráter ideológico faz ressaltar ainda mais a importância do problema da conquista e consolidação da hegemonia pelo proletariado. Na luta contra a opressão do imperialismo americano, contra o entreguismo de seus agentes internos, o nacionalismo tem, entre nós, nesta etapa, um caráter positivo; e sua influência abarca, sem dúvida, massas crescentes de nossa população.

Como indica a Resolução Política de nosso Comitê Central, cabe-nos a nós, militantes comunistas, estar presentes em todos os movimentos de massas, desenvolvê-los, estendê-los por nossa iniciativa, impeli-los para a frente, impregná-los de consequência revolucionária; incorporar-lhes novas camadas sociais, em particular as massas trabalhadoras do campo; conquistar, para a classe operária, através do exemplo, da clareza e da justeza de seus objetivos na luta, o papel de vanguarda que lhe compete. «O marxismo — lembra Lênin — ensina ao proletariado — não a afastar-se da revolução burguesa, e mostrar-se indiferente a ela, a abandonar sua direção à burguesia; mas, ao contrário, a participar dela da maneira mais enérgica, a fazer a luta mais resoluta pelo democratismo proletário consequente, pela condução da revolução até o fim».

Sabemos que nossa classe operária e nosso povo não podem avançar para o socialismo a não ser pela revolução agrária e antiimperialista. Para isso, devem impulsionar, levar adiante a democracia burguesa inconsequente. Lênin mostra que as situações e as tarefas da revolução democrático-burguesa devem encarar-se sempre de posições do Partido, tendo em vista os interesses da classe operária. Ante o proletariado está o dilema: «ou o papel de auxiliar da burguesia, ou o papel dirigente da revolução popular». «E disse — advertia Lênin — depende o futuro da revolução». Em torno desse dilema está o campo de uma luta áspera, permanente, de mil formas, entre as duas ideologias. Tão dura e difícil que Lênin lhe consagrou toda uma obra — as «Duas táticas»... para alertar quanto aos desvios possíveis face aos princípios do marxismo e para chamar a estar sempre em conta os objetivos concretos do movimento socialista na revolução democrática.

Essa luta ideológica torna-se particularmente aguda diante de nós — não só no plano externo — mas também dentro de nosso país, onde se aguçam as contradições de classes e no interior das classes dominantes; e dentro de nosso Partido, onde a luta interna começa, efetivamente, a ocupar seu lugar. O crescimento das forças da burguesia, em seu conjunto, a etapa atual de nosso processo revolucionário — e, por outro lado, o recrudescimento do antagonismo de classes e uma nova correlação de forças no mundo levam o imperialismo americano e as classes dominantes em nosso país a desenvolver sempre mais sua pressão ideológica — em particular através da influência nacionalista. Essa pressão ideológica alcança também as fileiras do PCB. Daí, colocar-se mais que nunca na ordem do dia a luta interna efetiva e permanente, sobretudo contra a influência ideológica da pequena burguesia. O marxismo ensina que a luta interna é a verdadeira e única fonte de todo desenvolvimento. Ela é também, como o definia o camarada Stálin, a lei do desenvolvimento dos partidos marxistas. Num plano geral, esse desenvolvimento está condicionado à luta contra o oportunismo e o revisionismo — armas fundamentais do imperialismo na luta de classes. O combate às tendências nacionalistas tem, entre nós, um lugar especial nessa luta ideológica. Elas atuam sobre o proletariado — partindo de origens diversas: do imperialismo, da

O assunto — a questão do obreirismo e do antiintelectualismo — mas, de lá para cá, em virtude do próprio curso do debate, o fenômeno se agravou.

Ninguém, em sã consciência, poderá negar que o antiintelectualismo, ultimamente, assumiu uma forma quase virulenta, substituindo a luta de princípios, a luta em torno de idéias.

A acusação que se faz aos nossos intelectuais é a de que são revisionistas, nacional-reformistas, etc. Francamente, confesso que, no decorrer do debate, não vi ninguém caracterizar definitivamente o que seja revisionismo atualmente. A menos que revisionismo seja a pregação de um desenvolvimento pacífico para a revolução brasileira. Se for isto, julgo-me livre, pelo menos, dessa etiqueta. Quando intervim no debate, por meio da «Imprensa Popular», mostrei a minha convicção de que o caminho pacífico, até agora, não triunfou em nenhum país. Continuo acreditando na plena validade da tese central do Programa de que só alcançaremos o Poder por via revolucionária — porque as classes dominantes e o imperialismo americano não consentirão que as reformas radicais que o país reclama sejam efetuadas evolutivamente, pacificamente. Quem leva a solução para o terreno da insurreição, da luta armada, não somos nós, mas sim os opressores.

Julgo indispensável essa profissão de fé para que possa retornar ao antiintelectualismo. Creio que esta luta se faz mecanicamente, transplantando para 1957 condições que prevaleceram na Rússia czarista, em 1904, quando da estruturação orgânica do Partido Operário Social Democrata. Naquela ocasião, discutindo-se a conceituação de membro do Partido, os mencheviques propunham que, como tal, fosse entendido todo aquele que aceitasse o programa do POSDR e pagasse a sua mensalidade. Para Lênin, era preciso também que o membro militasse numa das organizações do Partido. «Numa palavra — ajudava Lênin — a fórmula do camarada Mártoz (menchevique), ou ficará reduzida a letra morta, a frase vazia, ou servirá principalmente e de modo quase exclusivo a «intelectuais imbuidos do individualismo burguês» e que não desejam ingressar numa organização. De palavra, a fórmula de Mártoz parece defender os interesses de extensas camadas do proletariado; porém, de fato, esta fórmula serve aos interesses da intelectualidade burguesa, que rejeita a disciplina e a organização proletárias». («Um passo adiante, dois passos atrás», pág. 75. Os grifos e aspas são de Lênin).

Ora, Lênin se referia expressamente aos intelectuais burgueses. Poder-se-á dizer que a nossa intelectualidade, pelo seu «pecado original» de proceder da pequena-burguesia, também possui ainda os defeitos pequeno-burgueses que tantos prejuízos causam ao Partido? Não se pode negar. Muito menos, no Brasil, onde a classe operária talvez não conte com dois milhões de operários, a esmagadora maioria dos quais procedentes também da pequena-burguesia, do artesanato, e do campesinato. E muito menos, ainda, num Partido como o nosso, fruto do nosso povo e dessa classe operária, Partido que deixou o culto à personalidade, manifestação de ideologias medieval e burguesa muito mais grave, medrar a tais alturas, que a sua extirpação, agora, lança o Partido em convulsões. Mas a luta contra as concepções pequeno-burguesas não pode ser uma ofensiva contra a intelectualidade. Tem que ser um trabalho crítico e autocrítico de todo o Partido, de cima a baixo, em conjunto e, sobretudo, individualmente.

O que não me parece justo, nem salutar, é transferir para 1957 a luta de Lênin contra os mencheviques que se recusavam a participar das organizações do Partido. Não me parece justo porque os intelectuais «indiciados» são todos eles elementos organizados, pertencentes a organismo do Partido. Não de hoje, nem de ontem. Mas há muitos anos, dez, quinze, vinte anos.

Além do mais, é preciso verificar que, ao tentar-se neutralizar e criticar os camaradas Intelectuais que divergiram do Presidium, nesse combate em bloco à intelectualidade, como intelectualidade, estamos atingindo também aqueles intelectuais que se mantiveram ao lado do Presidium. E, ainda, estamos ignorando, propositalmente, o fato de que alguns elementos operários, como Roberto Morena, também divergiram. Ignorância que, ao meu ver, abafa o caráter de luta de opiniões que o episódio teve, dentro de um imenso debate, como nunca houve no Partido e no movimento comunista mundial, depois da derrota ideológica do trotsquismo.

O antiintelectualismo, se possui um mérito, principalmente nos organismos de base e intermediários do Partido, é mostrar o quão profundo é o nosso sectarismo, a nossa pobreza ideológica, política e cultural. Digo isto porque, em virtude dos acontecimentos que marcaram o debate aberto pelo projeto de Resolução, a luta contra os contrabandos ideológicos que minam o Partido e cujas fontes são várias — feudal, semifeudal, burguesa, pequeno-burguesa — essa luta interna está assumindo características de «massacre» da Intelectualidade revolucionária. Em certa zona, por exemplo, o mais empenhado com a pureza ideológica do Partido e em esmagar os Intelectuais é o S.O. do CZ, que é funcionário público, umbandista fervoroso, que não tolera discussão sobre esse assunto, que não estuda nossa doutrina e que entrava o estudo do marxismo na Zona, porque ele acha que cada um, nas fileiras do Partido tem o direito de

Contra o "Antiintelectualismo"

RAUL AZEDO

ser esparta, esotérico, protestante, católico, etc.

Diante desse «obreirismo», no qual são mais encarniçados exatamente os elementos de menos teor operário, e até de nenhum, na sua origem e mormente na sua ideologia — só resta, data-vénia, socorrer-nos dos mestres, para reabrir uma questão que já estava historicamente solucionada pelos técnicos do marxismo e pela prática do socialismo soviético.

Combatendo o democratismo, Lênin afirmava, em 1902: «Lêde também o livro de Kautsky sobre o parlamentarismo e a legislação popular e vereis que as deduções do teórico marxista coincidem com as lições que dão prolongados anos de prática dos operários que se unificam «espontaneamente». Kautsky protesta enérgicamente contra a forma primitiva em que Rittinhuasen concebe a democracia, zomba da pessoa disposta a exigir em seu nome que «os periódicos populares sejam redigidos diretamente pelo povo», demonstra que são imprescindíveis os jornalistas profissionais, os parlamentares, etc., para dirigir de um modo social-democrata a luta de classes do proletariado; ataca o «socialismo de anarquistas e literatos», que, tratando de produzir sensação, exaltam a legislação diretamente popular e não compreendem até que ponto é só relativamente aplicável na sociedade contemporânea.» («Que Fazer?», pag. 160. Os grifos e aspas são de Lênin.)

Mais adiante, nessa obra, que deveria ser a nossa bíblia em questões de imprensa, agitação e propaganda, o grande Lênin mostrava ainda quão enorme era o apreço que dedicava aos intelectuais revolucionários, dos quais ele próprio era um, escrevendo: «Por outro (lado), as massas jamais aprenderão a desenvolver a luta política, enquanto não ajudemos a formar dirigentes desta luta tanto entre os operários cultos, como entre os intelectuais».

Devemos reconhecer, aliás, que o PCB, apesar desse movimento de agora, aplicou, na sua prática, essa recomendação leninista — pois não podemos esquecer que os camaradas Marighella, Grabois, Arruda Câmara, João Amazonas, o próprio Prestes, Agildo Barata, entre outros, procedem da intelectualidade, uns, e do tenentismo revolucionário, outros.

Não há dúvida, para mim, também, de que a infeliz e impropriedade afirmativa do camarada Agildo Barata, de que a descoberta «do novo surgirá da intelectualidade ou da inteligentia marxista» — acirrou o antiintelectualismo primário. Posteriormente, o próprio Agildo fez a sua autocrítica, reconhecendo na «linha de massas» dos chineses a aplicação concreta da sabedoria coletiva do Partido. Na verdade, contudo, conquanto não tivesse rótulo, até à realização do presente debate, o «novo», a linha política do Partido, as soluções da maioria dos casos, não têm sido outra coisa senão o fruto do esforço de meiduzia de camaradas dirigentes, que depois «desciam» esse produto para o restante do Partido. E, por isso, como no Manifesto de Agosto, cometemos tantos erros. Logo, o horror sacrossanto que a tremenda heresia de A. B. provocou foi desproporcionado.

O antiintelectualismo, no meu entender, agora recrudescente, por causa, reiteremos, das divergências políticas surgidas no debate, que foi a primeira tentativa ampla, de crítica e autocrítica profunda, corajosa, existente no movimento comunista brasileiro — tem as suas raízes na velha divisão do trabalho. E' um reflexo da contradição entre o trabalho físico e o trabalho intelectual. Mas acontece que essa contradição não existe materialmente em nossas fileiras.

Pelo contrário, antes dessa ofensiva, não se pode negar que a camaradagem entre os intelectuais e os operários, principalmente entre os camaradas jornalistas e os nossos militantes das fábricas e demais empresas, era uma verdade visível a olho nu. Era uma verdade verificável em nossas festas, nas greves, nas lutas com a polícia, nos xadrezes infectos onde muitas vezes estiveram juntos e, sobretudo, na filelidade com que todos nós, nos anos de dura repressão, após a cassação dos mandatos, enfrentamos o terror policial, selvagem, do governo Dutra. Nos momentos mais sombrios e também nos momentos de triunfos — porque não se pode ignorar, a pretexto de lutar contra os erros, a série de vitórias obtidas — essa camaradagem, decorrente da unidade partidária, era patente, inquestionável.

No sentido prático, na vida diária, malgrado o «obreirismo» latente em alguns quadros, não se podia negar que a contradição entre o trabalho intelectual e o trabalho físico não vigorava em nossas fileiras como um sintoma, com um mal, como um desvio — que assim considero as manifestações agora surgidas.

No sentido teórico, ela também estava historicamente solucionada por Stálin. E os que citam Lênin em «Um passo adiante, dois passos atrás», mutilando o seu pensamento, deveriam ler o velho Stálin dizer, perante o XVIII Congresso do Partido Bolchevique:

«A antiga intelectualidade, anterior à revolução, que servia aos latifundiários e aos capitalistas, era plenamente aplicável a antiga teoria sobre a intelectualidade, que assinava a necessidade de desconfiar dela e de combatê-la. Agora, esta teoria já caducou e é

inaplicável a nossa intelectualidade nova, a soviética. Para a nova intelectualidade faz falta uma nova teoria, que assinala a necessidade de relações fraternais com ela, de solicitude para com ela, de respeito e de colaboração, e do benefício dos interesses da classe operária e dos camponeses.» («Cuestiones», pag. 7-8.)

A nossa intelectualidade, os jornalistas dos nossos jornais, que devem ascender a algumas centenas em todo o país, se já serviram aos latifundiários e grandes capitalistas, foi há muitos anos. E devem ser muito poucos, a maioria dos quais estão engajados no serviço do proletariado revolucionário há vários anos e já foram submetidos a duras provas. Sallentemos, aliás, que a imprensa operária tem sido uma vasta escola de jornalismo, onde temos fabricado alguns «astros» da imprensa capitalista atual, porque não temos sabido aplicar aquele sábio princípio de criar, desenvolver e conservar os quadros. E as debilidades de que todos se ressentem são as debilidades de todo o movimento comunista brasileiro — onde imperou o culto à personalidade, ainda não liquidado; onde prevaleceu o centralismo antidemocrático; onde não havia democracia interna — responsáveis, inclusive, pela rebelião ora condenada pelo Comitê Central.

A grande acusação que se pode e se deve fazer à intelectualidade como conjunto, e a cada um de nós individualmente, em maior ou menor proporção, é a pouca assimilação do marxismo. O nosso grande defeito, como intelectuais e militantes, é a irrisória contribuição (intelectual) que temos dado à luta ideológica do Partido, tão importante como as suas lutas econômica e política, como já salientava Engels.

Com efeito. Balanceando-se a cultura nacional, temos que confessar que, além do trabalho quase sempre sectário de destruição daqueles que não comungavam conosco política ou esteticamente, nada fizemos. A própria conferência ideológica de 1950, malgrado todo o seu sectarismo (feita sob a influência do Manifesto de Agosto), era a primeira tentativa séria de análise marxista do movimento cultural e artístico brasileiro; mas não foi publicada, para orientar os nossos militantes, simpatizantes e os setores mais esclarecidos do povo. Com o que teria possibilitado o aparecimento de contribuições de elementos também capacitados.

Enquanto os integralistas, com o Instituto Brasileiro de Filosofia, o imperialismo americano com seus cursos, bolsas de estudos, filmes, edições, etc. e outras correntes ideológicas procuram dominar a cultura no Brasil, a nossa posição, por regra geral, tem sido a de abstenção no front ideológico. E, quando

tomamos posição, é para negar a Caio Prado Junior o direito de escrever a sua «Dialética do Conhecimento», objeto de severas críticas negatvistas nos bastidores partidários, porém não realizada sem qualquer publicação nossa! Ou, então, classificar Politzer e Gaudy de «superados» em filosofia, negando-nos a imprimir seus livros. Fazendo com que o público e os militantes brasileiros ignorassem Plekanov durante dezenas de anos!

Mas para criticar os nossos intelectuais pela sua pouca ou nenhuma produção marxista, num país, como o nosso, onde todas as ciências reclamam o crivo do marxismo e a difusão da cultura comum mesmo — seria preciso que o Comitê Central se autocriticasse de uma falha muito séria, em nossa frente ideológica. E' a ausência de um veículo, de uma publicação que pudesse acolher o labor da pesquisa, a produção de nossos intelectuais — determinada pelo CC ou fruto da liberdade de criação. Que de nada servirá, nem ao Partido nem aos intelectuais, se não houver um órgão para abrigá-la. E isto, esse veículo, nós não tínhamos nem temos — porque a revista, também vítima e agente, como todos nós fomos, do culto à personalidade, não encontrava outra coisa para publicar senão e exclusivamente os materiais soviéticos, muitos dos quais não tinham aplicação à realidade brasileira.

No setor de imprensa, então, apesar do magistral informe de Grabois ao IV Congresso, sobre a tarefa revolucionária de fazer «agitação e propaganda para milhões», temos que convir que estamos abaixo das necessidades e das possibilidades. Será apenas por deficiência ideológica e política de todos nós — realmente existente? Será por deficiência profissional, de jornalistas e gráficos? Será por causa do sectarismo existente em alguns pontos do Programa? Será por causa dos métodos de trabalho e direção, mormente pela seleção de quadros? Será por deficiência de maquinário? Será pela subestimação, na prática, do papel da imprensa?

Embora, como é evidente, ache que tudo isto influi, confesso que só acredito numa solução acertada, como os interesses do povo e do Partido reclamam, no dia em que uma conferência ou ativo nacional de imprensa, legal ou ilegal, com a participação de camaradas de todos os jornais, estudar o problema com afinco e emitir seu julgamento final. Depois de 12 anos de imprensa popular, não se compreende que ainda estejamos engatinhando nas trevas, a respeito de vários assuntos que já poderiam estar resolvidos.

Tentando atacar o antiintelectualismo, meu objetivo foi — não sei se o realizei — contribuir para que a unidade do Partido, em torno do Comitê Central, se faça conscientemente, a partir dos escalões mais baixos do Partido para que seja uma unidade real, efetiva, orgânica, política e ideologicamente falando, à base do marxismo-leninismo.

Considerações Sobre os Debates...

(Conclusão da quinta página)

vozes do imperialismo norte-americano e da grande burguesia procuram se aproveitar da luta interna que travamos para liquidar e desmoralizar o Partido. Desta análise devemos tirar uma lição. E este ensinamento nos é dado pelo próprio inimigo. Trata-se de lutar mais do que nunca pelo fortalecimento do Partido. Desfraldar a bandeira da unidade das fileiras do Partido e de sua coesão em torno do CC e do camarada Prestes, constitui a primeira tarefa de todos os comunistas.

Os debates que estão se ferindo no Partido e na imprensa popular do país, tratam pouco das questões relacionadas com o fortalecimento do Partido, do reforçamento de sua unidade, da elevação do nível teórico, político e ideológico de seus militantes. Surgiram inclusive propostas claras para dissolvermos o Partido. Alguns «teóricos» liquidacionistas, a pretexto de contestar uma tese marxista de que «o Partido é tudo» lançaram os mais ferozes ataques contra sua unidade. Afirmavam, deturpando a história do Partido, que este nada tem feito, que nada de útil realizou e que portanto devíamos organizar um outro partido «genuinamente nacional» de «comunistas nacionais», etc. Nada mais atentatório à unidade do Partido do

que semelhantes «teses» e argumentos, apicados de portadores de uma ideologia fracassada, de elementos condenados pela própria vida como indignos de pertencerem às fileiras de nosso Partido. As opiniões desses foram repudiadas incontinenti pelo Partido.

A experiência histórica de todos os povos que conquistaram o poder e que construíram o socialismo e o comunismo em seus países, nos indica que a resistência do Partido é o fator decisivo e principal para que a revolução seja vitoriosa. Por isso é que a questão da defesa do Partido e de sua unidade, adquire neste momento grande importância. Defender o Partido, significa defender o triunfo da revolução socialista em nosso país.

Na presente situação internacional e nacional, quando as potências imperialistas procuram desesperadamente destruir a União Soviética, o campo socialista e dividir o movimento operário e comunista internacional, e as classes dominantes do país procuram desferir profundos golpes contra o Partido, liquidar as liberdades democráticas e aniquilar o movimento operário e patriótico, as questões da defesa do Partido, de sua unidade, da defesa da soberania nacional e do internacionalismo proletário, devem ser colocados na ordem do dia, discutidos e aplicados.

O Programa do P.C.B. e a ...

(Conclusão da oitava página)

com os latifundiários e tomariam medidas sempre contra os trabalhadores.

Nosso Programa coloca a luta contra o imperialismo norte-americano, contra os latifundiários e os grandes capitalistas ligados ao imperialismo norte-americano, porque estes também estão ligados ao monopólio da terra. Quando a burguesia se territorializa, tanto explora os operários como os camponeses. E isto é o que aconte-

ce em nosso país. Por isto nosso Programa está justo a colocar a hegemonia do proletariado na revolução brasileira e medidas radicais para o campo. O PCB apresenta um Programa para o campo de acordo com os interesses do proletariado e dos camponeses. Um Programa que acaba com a exploração e opressão das massas camponesas. Por isso tem que conter medidas que exterminem o poder político dos latifundiários e da burguesia. Essas medidas levam à liquidação do monopólio da terra: a confiscção dos latifúndios e sua distribuição aos milhões de camponeses sem terra, aos que têm pouca terra e às pessoas que queiram trabalhar na terra. Esta é a única medida justa, capaz de acabar com a situação de miséria e de sofrimento da massa camponesa. Medida que libertará as forças produtivas dos entraves do regime dos latifundiários e do imperialismo.

O Programa do P. C. B. e a Reforma Agrária

NESTOR VERA

A base de um estudo da realidade brasileira, do movimento comunista internacional e do movimento de libertação dos povos coloniais e dependentes, o P.C.B. chegou a uma justa conclusão do caráter da revolução brasileira na etapa atual, como sendo uma revolução anti-imperialista e agrária antifeudal. Com esta caracterização nosso Partido elaborou seu Programa como um guia para a ação revolucionária. No Programa, o Partido apresenta seus objetivos estratégicos, os quais não mudam em toda esta etapa da revolução e pelos quais lutamos até atingi-los. Para alcançá-los, as tarefas fundamentais a serem realizadas são: 1 — Na base, liquidar com o monopólio da terra; 2 — expulsar o opressor estrangeiro; o imperialismo norte-americano; 3 — criar um governo democrático de libertação nacional. Estas teses do Programa mostram que ele é um Programa marxista-leninista que corresponde à realidade, sem negar com isso que há ainda formulações sectárias e questões que devem ser formuladas com maior precisão.

São três questões fundamentais do Programa que estão intimamente ligadas entre si. A vitória de uma delas condiciona a vitória das outras. Por isso é necessário lutar por todas ao mesmo tempo e com o mesmo vigor. Daí porque para todas o Programa do P.C.B. coloca medidas radicais. Com a discussão que ora se realiza em todo o Partido sobre o Projeto de Resolução do C.C., vieram à tona as manifestações do nacional-reformismo, através da opinião de alguns camaradas negando as questões fundamentais do Programa do P.C.B., como por exemplo, uma questão tão importante e decisiva para a vitória da revolução brasileira como o problema agrário.

O camarada Agildo Barata em seu artigo «Pela Renovação e o Fortalecimento do Partido», publicado na VOZ OPERÁRIA n. 409, diz: «É inegável, no momento atual, o avanço mais rápido da luta antiimperialista em nosso País, em relação ao movimento camponês que se encontra em grande atraso». E prossegue: «Este fato indica um desenvolvimento preponderante das tarefas antiimperialistas no processo atual da luta revolucionária, tarefas que possivelmente não coincidirão com as medidas agrárias de caráter radical formuladas no Programa do PCB, mas que podem e devem coincidir com algumas reformas na estrutura agrária». Isto que propõe o camarada Agildo é ao meu ver uma idéia falsa e não corresponde à realidade.

Diminuir a luta contra o atual regime de posse da terra, como propõe o camarada Agildo, alegando o atraso do movimento camponês, e colocar no segundo plano a luta pela revolução agrária, que visa destruir o monopólio da terra, é enfraquecer a luta antiimperialista em nosso país, é favorecer o imperialismo norte-americano.

O monopólio da terra é a base onde se apóia o imperialismo e a minoria que domina o país.

O camarada Prestes diz com muita justiça em seu Informe ao IV Congresso do PCB: «Aos imperialistas norte-americanos convém a conservação no país das sobrevivências feudais com toda a sua superestrutura burocrática, policial e militar». E mais adiante continua: «Não é possível libertar o Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos sem liquidar simultaneamente a base econômica das forças sociais em que se apóiam, sem liquidar os res-

tos feudais e o monopólio da terra» (Problemas n. 64 — pag. 59-60).

O camarada Prestes, ao formular estas teses para esta etapa da revolução, parte da realidade brasileira. Nosso Partido, reconhecendo que o capitalismo vem se desenvolvendo no campo, não subestima os profundos restos de servidão e escravagismo existentes no campo. Partimos de que, para esta etapa da revolução, a tarefa fundamental para o campo é a destruição total do atual regime agrário e o centro é a liquidação do monopólio da terra. É este regime dos grandes latifundiários que freia o desenvolvimento das forças produtivas, e, em alguns pontos, chega mesmo a liquidá-las. Sem destruir esta base não se pode expulsar o imperialismo de nossa Pátria.

Lutamos no campo por uma reforma agrária que liquide com o monopólio da terra, pela confiscação da terra dos latifundiários e sua distribuição aos camponeses sem terra ou com pouca terra e a todas as pessoas que nela queiram trabalhar, e a entrega de títulos legais de suas propriedades. Ao mesmo tempo propõe o Programa a liquidação de todas as formas semifeudais de exploração dos camponeses, anulação de todas as dívidas dos camponeses para com os latifundiários, os usuários, o Estado e as companhias norte-americanas, etc. Estas e outras medidas indicadas no Programa de nosso Partido fazem dele poderoso instrumento para mobilização e organização da grande massa camponesa de nosso país. O Programa coloca que não tocaremos nas propriedades dos camponeses ricos. Com isto abre uma possibilidade ampla para formação de uma frente única no campo. Assim vemos que as medidas radicais estão voltadas unicamente para os inimigos da revolução no campo nesta etapa.

A luta para aplicação destas tarefas fará o movimento camponês avançar no Brasil e tirá-lo do atraso em que se encontra.

A luta pela confiscação da terra dos latifundiários é uma necessidade, é um fator de mobilização das massas camponesas, porque os camponeses brasileiros aspiram profundamente a serem donos de um pedaço de terra.

Uma das particularidades da questão agrária no Brasil é ser um dos países do mundo que tem o maior número de camponeses sem terra. Temos uma população rural de 35 milhões de camponeses e apenas 2.064.557 propriedades rurais. Os assalariados agrícolas e os camponeses sem terra atingem 81% da população ativa do campo. As formas de exploração da terra que predominam são as mais insuportáveis, e se refletem na baixa produtividade e na insignificante área cultivada num país tão grande e com uma massa camponesa enorme. Temos cultivados 21.090.361 hectares, para uma área cultivável de 675 milhões de hectares, (apenas 3% cultivados).

Desde 1934 até 1955, os 10 produtos agrícolas principais mantiveram-se aproximadamente no mesmo volume sem aumentar. Num estudo feito em 20 países, nos seus principais produtores, o Brasil é o que tem o rendimento mais baixo por hectare. «Dados do serviço de Estatística do Ministério da Agricultura de 1955».

A causa disto é o regime retrógrado, onde os restos se-

mifeudais são tão fortes que mantêm nossa agricultura, em seu conjunto, num atraso secular. Isto impede o desenvolvimento de nossa indústria e o progresso do país. Uma situação destas é que convém ao imperialismo norte-americano. Daí porque simples reformas na estrutura agrária nada resolvem e não mobilizarão essa grande força política do campo para o movimento democrático de libertação nacional. Devemos compreender que as medidas radicais que nosso Partido colocou em seu programa para resolver a situação no campo são conclusões de um estudo científico, realizado pelo nosso Partido, da realidade brasileira em nossa agricultura.

O Brasil conseguiu a independência de Portugal; aboliu a escravidão negra no país; passou do império para a República, já houve 22 presidentes da nação e o regime de latifundiários continua intacto. Daí, é um grave erro, que nada tem de comum com o marxismo-leninismo, negar as medidas radicais para o problema da terra apresentadas no Programa do PCB nesta etapa da revolução. Defender o contrário é colocar-se contra o proletariado. É deixar o campesinato sem a direção da classe operária e seu Partido, o PCB. É desviar os camponeses do caminho revolucionário e colocá-los a reboque da burguesia e dos latifundiários.

Nosso Partido vem estudando as reivindicações imediatas e mais sentidas pelos camponeses nos vários Estados e regiões do país e apresentando medidas para conseguí-las, assim como formas de lutas que estejam de acordo com o nível da massa camponesa em cada local. O último Informe do camarada Prestes ao CC no mês de abril dá uma grande contribuição nesse sentido. Mas isto não é para renunciar aos objetivos estratégicos de nosso Programa e negar as medidas radicais nele formuladas para o campo. Ao contrário, é para mobilizar as massas camponesas, organizá-las, elevar a sua consciência e, convencê-las pela sua própria experiência da justiça do tipo de reforma agrária apresentada pelo Programa do PCB, como a única medida justa para livrá-las da opressão e exploração dos latifundiários e do imperialismo.

A Reforma Agrária apresentada em nosso Programa interessa não só aos camponeses como também aos operários, a todos os trabalhadores em geral, ao comércio e à indústria, às forças que desejam o progresso. Só não interessa aos latifundiários, aos grandes capitalistas e ao imperialismo norte-americano. Enquanto não se conseguir uma reforma agrária como apresenta nosso Programa, não haverá um verdadeiro progresso em nosso país e nem a democracia que interessa a todo o povo. Enquanto existir o atual regime de posse da terra os governos serão sempre iguais aos anteriores, serviços do imperialismo norte-americano, dos latifundiários e dos grandes capitalistas.

Temos o exemplo de Juscelino. Mesmo Juscelino, que foi o presidente da República eleito pelas forças populares em nosso país, inclusive com o apoio do Partido Comunista, como sua base é o monopólio da terra, é o regime dos latifundiários e grandes capitalistas, segue o mesmo caminho dos outros governos, realizando uma política antinacional e antipopular. Por isto é necessário que todo o Partido assimile o con-

teúdo marxista-leninista da reforma agrária apresentada no Programa do P.C.B. Ela está de acordo com o caráter do governo pelo qual lutamos, um governo democrático de libertação nacional.

Negar o caráter radical de nosso Programa sobre a questão agrária é criar confusão para o nosso Partido e para a massa camponesa, é entregar a direção da revolução à burguesia e colocar o proletariado e os camponeses a seu reboque. Nosso dever, como comunistas, é explicar a questão com a máxima clareza, ensinar os camponeses que, sem ir até o fim na questão da terra, é impossível liquidar o atual regime de posse da terra, de latifundiários e grandes capitalistas. É necessário dividir a terra dos latifundiários e entregá-la aos que nela trabalha. O Programa do P.C.B., como Partido da classe operária, tem que expressar os interesses de classe. O proletariado não pode concordar com simples medidas para o campo, porque sabe que isto não o ajuda a conquistar seus objetivos socialistas de importância universal. Por isto não pode ligar o destino do movimento dos operários e camponeses a simples medidas, na estrutura agrária, de interesse da burguesia e dos latifundiários.

O proletariado se propõe a ajudar os camponeses a levar até ao fim a revolução camponesa. Só assim, pode ganhá-los como seu aliado fundamental na revolução e levá-los a construir o socialismo e o comunismo. Por isso, seu Programa agrário tem que ser marxista-leninista. Quem negar atualmente este caráter de nosso Programa a pretexto de procurar o «novo», de encontrar o «caminho» da revolução brasileira, está na prática defendendo o caminho reformista burguês a fim de manter o atual regime que favorece os latifundiários e o imperialismo norte-americano.

O Programa do P.C.B., ao formular medidas radicais como a única solução verdadeiramente justa para o campo, o faz porque nosso Partido luta não apenas para eliminar algumas sobrevivências feudais, o que nada ou pouco resolveria, e sim pela destruição total do atual regime no campo, para eliminar o monopólio da terra, que é o principal resto feudal.

Os camaradas do Ceará, na resolução de seu C.R. publicada na VOZ OPERÁRIA n. 393, manifestam-se contra a reforma agrária radical expressa no Programa do PCB como indispensável para a independência nacional. Dizem que esta tese se choca com a realidade, alegando que «as massas camponesas, na maior parte do país, e particularmente no Ceará, apenas despertam para reivindicações como a baixa do arrendamento, aquisição de ferramentas e de sementes, crédito e distribuição das terras devolutas». O Programa levanta o confisco das terras dos latifundiários. Isto, dizem os camaradas, «além de não corresponder às aspirações imediatas das massas camponesas, restringem a frente única pela independência nacional. Em nosso Estado, por exemplo, latifundiários, produtores de café de cana-de-açúcar e de algodão, sentem seus interesses prejudicados pelo imperialismo norte-americano,

poderão, chegar mesmo a formar com as demais camadas do povo na luta pela independência nacional».

Os camaradas do Ceará estão errados. O que se choca com a realidade brasileira não é o Programa do PCB mas sim a posição dos camaradas, que contraria os princípios do marxismo leninismo, ao defenderem na Resolução do CR do Ceará os interesses dos latifundiários, esquecendo-se das massas camponesas;

Não se pode conseguir independência nacional sem liquidar com a dominação do imperialismo norte-americano em nosso país. E para liquidar com essa dominação é preciso destruir sua base. Essa base é o monopólio da terra. Seus sustentáculos são os latifundiários. A divisão unicamente das terras devolutas não modifica o regime, continuará a mesma dominação dos latifundiários e grandes capitalistas. A predominância poderá ser de latifundiários ou da burguesia no governo, mas serão sempre duas forças entrelaçadas que procuram aumentar cada vez mais a exploração das grandes massas trabalhadoras, principalmente os camponeses e os operários, e preferem sempre ficar do lado do imperialismo.

A luta pelas reivindicações que os camaradas do Ceará levantam é justa e necessária, e a orientação de nosso Partido é que devemos lutar pelas reivindicações mais sentidas das massas camponesas, por menores que sejam, levando-se em conta o nível de consciência e do grau de organização dos camponeses, mas isto não significa que devemos negar a luta para atingir os objetivos do Programa, de liquidação do monopólio da terra. Se lutarmos somente por essas reivindicações, sem lutar ao mesmo tempo pela liquidação dos latifundiários, jamais conseguiríamos mobilizar os camponeses e conseguir uma poderosa frente única. Seria uma luta sem direção, por que estaria desviada da questão fundamental marxista-leninista, que é a conquista do poder político e a completa transformação no regime agrário, liquidando com o monopólio da terra.

Os camaradas do Ceará, a meu ver, entram em contradição ao afirmar que os camponeses em seu Estado apenas despertam para a distribuição das terras devolutas e negam a confiscação dos latifundiários, como coloca nosso Programa.

Se os camponeses aceitam possuir um pedaço de terra, concordando que se dividam as terras devolutas, isto significa que esta é uma reivindicação madura, e reconhecem que a terra lhes deve pertencer. Neste caso, os camponeses também concordam em que se dividam os latifúndios, com muito mais razão, porque o que querem é possuir um pedaço de terra de nosso país, pertença a quem quer que seja: ao Estado ou ao latifundiário. Com muito mais razão, compreenderá a necessidade de que se confiscem as terras dos latifundiários, porque assim seu inimigo principal será liquidado. E o camponês sabe que o fazendeiro, o latifundiário é seu inimigo de morte.

Não se pode desviar a luta pela reforma agrária, exigindo divisão apenas das terras devolutas e mantendo-se os latifundiários, como apresentam os camaradas do Ceará. Principalmente num Estado como aquele, de grandes latifundiários, que possuem enormes extensões de terras,

dominam o poder político no Estado e o mantêm num atraso sem precedentes, explorando terrivelmente a imensa massa camponesa sem terra e todo o povo trabalhador.

É um Estado que vem aumentando o número de grandes latifúndios a custa das terras dos camponeses, assim como das terras devolutas, que também vão sendo apoderadas pelos latifundiários.

Dizem ainda os camaradas do Ceará que exigir a confiscção dos latifúndios restringe a frente única, e o camarada Agildo diz que «a realidade brasileira propõe a redução do campo de inimigos unicamente aos latifundiários feudais (e não a toda a classe de latifundiários)».

Esta é outra posição errônea. A força principal no campo para a frente única são os camponeses pobres, incluindo desde os camponeses médios até os ricos. Alguns latifundiários podem vir para a frente única ou ficar neutros, o que já é importante e devemos aproveitar. Nosso Partido já reconhece que há essas possibilidades e coloca essa tese em seus documentos. Mas, como classe, os latifundiários não vêm para a frente única, porque seria colocar-se contra seu próprio objetivo, que é defender o imperialismo norte-americano.

Os camaradas do Ceará, pensando que para ampliar a frente única no campo é necessário retirar do Programa do PCB a confiscção dos latifúndios, colocam-se abertamente contra o espírito de classe do proletariado, porque passam a fazer concessões de um princípio tão importante do marxismo-leninismo, que é saber separar os inimigos fundamentais no campo em cada etapa da revolução. E nesse caso, nesta etapa da revolução, os inimigos principais, no campo, são os latifundiários.

Idêntica posição, mas de forma diferente, assume o camarada Agildo, advogando que se lute apenas contra os latifundiários feudais, deixando em paz os latifundiários aburguesados. Tanto os latifundiários feudais como os aburguesados são uma mesma classe. A classe mais retrógrada da sociedade. Classe antiprogressista e antidemocrática. Não se pode negar que existam contradições dentro da classe dos latifundiários, e mesmo entre eles e o imperialismo, principalmente com aqueles que aplicam métodos de exploração capitalista em seus latifúndios. Mas estas contradições não chegam a ponto que os leve como classe a vir apoiar a frente única antiimperialista, porque a frente única que nosso Partido propõe em seu Programa e vem lutando para conseguí-la, é uma frente única antiimperialista e antifeudal, a fim de liquidar com a dupla exploração que existe sobre os camponeses, que é a do imperialismo norte-americano e dos latifundiários.

Como propõem estes camaradas, parece que não existem inimigos no campo. Quem é então que explora os camponeses trabalhadores, manda a polícia e os capangas tirar-lhes as colheitas das terras, espancá-los e assassiná-los? Quem não permite que entre em seus latifúndios um jornal como «Terra Livre», nem que exista o mínimo de organização dos trabalhadores contra a exploração e contra o imperialismo? Por que? Porque querem conservar este regime, trojados em seus amos, os imperialistas ianques?

O fundo dessa questão está toda ela em negar a necessidade da classe operária na revolução brasileira e entregá-la à burguesia porque estas são condições históricas atuais, não irá realizar nenhuma medida radical para o campo. Passaria a uma união

ENTREVISTA DE N. S. KRUSCHIOV AO "NEW YORK TIMES"

Opinião do dirigente soviético sobre a questão da guerra e da paz, o caminho para o alívio da tensão internacional e problemas do movimento comunista — Texto integral publicado pelo jornal "Pravda"

O jornal «Pravda» de 14 de Maio último, publicou o texto integral da palestra de N. S. Kruschiov, secretário do Partido Comunista da União Soviética, com o redator-chefe do jornal americano «New York Times», sr. Turner Catledge. Devido a que esta entrevista alcançou grande repercussão internacional, e como o «New York Times» procurou dar-lhe uma interpretação deturpada, reproduzimos abaixo o texto integral da mesma:

«Depois da troca de saudações, T. Catledge disse: — Passei alguns dias agradáveis em vossa pais, visitei Moscou, comparei ao desfile de Primeiro de Maio, que me causou uma forte impressão. Visitei alguns museus em Moscou e também em Leningrado e em Kiev. Agora chega ao fim minha viagem pela União Soviética. Dirijo-me em seguida a Estocolmo. Tenho a intenção de visitar alguns outros países europeus e, provavelmente, a 1 de Julho, voltarei ao meu país. Fôstes muito gentil em receber-me. Agradeço-vos por esta atenção. Permitti agora que vos faça algumas perguntas.

N. S. Kruschiov — Pois não.
T. Catledge — O objetivo da minha visita consiste em obter esclarecimentos sobre vossa opinião a respeito de algumas questões, e não em travar polémica convosco. Falando a rigor, eu dirijo a parte informativa do jornal «New York Times», a coleta de fatos, e pouco tenho relação com a parte política do jornal. Quero, portanto, esclarecer algumas questões para ajudar os leitores de nosso jornal a terem uma idéia mais completa sobre as opiniões dos dirigentes da União Soviética e sobre o vosso país. Peço-vos que me interpreteis corretamente se algumas das perguntas vos parecerem provocativas. As perguntas que faço não são para causar-vos constrangimento, mas para conseguir uma representação multilateral do pensamento soviético. A primeira pergunta que desejo fazer-vos é: — Apoiáis a idéia da convocação, em data próxima, da conferência de representantes das grandes potências em nível superior, e que assuntos poderiam ser examinados nessa conferência, em vossa opinião?

ACÓRDO ENTRE A UNIÃO SOVIÉTICA E OS ESTADOS UNIDOS PARA ALIVIAR A TENSÃO INTERNACIONAL

N. S. Kruschiov — Temos declarado diversas vezes que consideramos útil o encontro dos chefes de governos das grandes potências. O governo soviético atem-se ainda hoje a este ponto de vista. No entanto, tal encontro será útil com a condição de que sejam bem preparadas as questões principais, sobre as quais se tem em vista trocar opiniões. De outro modo, o encontro não terá a utilidade devida e a conferência provocará apenas decepção, tanto nos participantes do encontro como nos povos dos países que eles representam. Que assuntos poderiam ser agora examinados nessa conferência? Pensamos que uma das questões principais, a exigir exame, é a questão de pôr fim à tensão existentes nas relações entre os países e, em primeiro lugar, entre as grandes potências. A segunda questão que exige exame é a da garantia da segurança européia. A Europa é o principal foco da tensão internacional, onde se acha — por assim dizer — o nó das questões que criam a tensão entre os países. A regulamentação do problema da segurança européia deve conduzir à liquidação dos blocos militares e à criação de uma situação normal na Europa. Talvez fosse racional criar algum órgão especial, no qual os participantes do sistema de segurança européia poderiam trocar opiniões, para não permitir a tensão nas relações entre os Estados. Se fôr alcançado um certo grau de confiança entre os países, nesse caso talvez não seja necessária a criação de um órgão especial, as questões poderiam ser examinadas na ONU. Para falar de modo mais concreto sobre a tensão internacional, esta questão evidentemente se reduz, no fim de contas, às relações entre os dois países — entre a União Soviética e os Estados Unidos. De modo figurado, pode-se dizer que, assim como é necessário arrancar as folhas do repolho para descobrir o miolo, assim também em nosso caso, se excluirmos gradualmente todas as questões pendentes ou litigiosas entre os países, no fim de contas se descobrirá o miolo, isto é, as contradições entre nossos dois países — os Estados Unidos da América e a União Soviética. Isto se explica pelo fato de que a URSS e os EE.UU. são as potências mais poderosas no sentido industrial e os países mais fortes do ponto de vista militar, que possuem por isso mesmo as armas atômica e de hidrogênio, além de poderoso armamento do tipo comum. Estes dois países travam entre si a mais aguda polémica na arena internacional.

Julgamos que, se a União Soviética puder entrar em acôrdo com os Estados Unidos, então não será difícil entrar em acôrdo com a Inglaterra, com a França e outros países. Naturalmente, temos em vista que nosso acôrdo com os Estados Unidos não deve ser em prejuízo da Inglaterra, da Alemanha, da França ou de outro país. Se falarmos de outros países que participam da OTAN, é preciso observar que a Noruega, por exemplo, entrou nessa organização, segundo parece, por um mal-entendido. A maioria esmagadora do povo norueguês pensa mais sobre como tirar a Noruega do bloco do Atlântico Norte. O mesmo se pode dizer também da Dinamarca, e a Dinamarca é um país que não poderia fazer muito, mesmo que se zangasse com a União Soviética. Isto se refere também à Holanda. Quanto ao Canadá, também o consideramos um país amante da paz, que ingressou na OTAN por um mal-entendido como resultado de condições que se tinham agravado num passado recente. Agora os Estados Unidos, o único país que pode representar uma ameaça para a União Soviética — disse N. S. Kruschiov pilheriando — é o Luxemburgo.

Assim, a tensão no fim de contas se reduz, principalmente, às relações entre duas grandes potências — a União Soviética e os Estados Unidos. Conseqüentemente, a questão consiste em saber se as nossas relações se desenvolvem em base amistosa ou se entre nossos países, doravante, continuaremos tendo as relações. Os Estados Unidos são um país capitalista altamente desenvolvido. A União Soviética é um país socialista altamente desenvolvido. As divergências ideológicas entre nós existem sempre. Mas isto não

deve impedir-nos de viver como bons vizinhos. Nós somos realmente vizinhos no Norte, onde Tchukotka é contigua ao Alaska. As divergências em questões ideológicas não devem dificultar-nos desenvolver as relações normais diplomáticas, culturais, econômicas e outras entre nossos países. Este é um caminho.

O outro caminho é continuar acumulando estoques de armamentos. Nesse caso é preciso ter em conta que, dada a existência da arma atômica e de hidrogênio, dada a existência da técnica dos foguetes, sem excluir os projéteis intercontinentais, como resultado de algum erro ou acaso fatal pode ser desencadeada a guerra que acarretará calamidades incontáveis não somente para os povos de nossos dois países, mas como também para os povos de todo o mundo.

RETIRAR DO PONTO MORTO O PROBLEMA DA PAZ OU DA GUERRA

Eis porque seria sensato que se encontrassem mais freqüentemente os dirigentes dos grandes países para solucionar as diferentes questões através da troca de opiniões, através da obtenção de entendimento recíproco. Eis porque a União Soviética deseja realizar conversações com os Estados Unidos. Mas quero dizer que, se alguns dirigentes dos Estados Unidos colocarem diante de nós quaisquer condições prévias, como gosta de fazer, por exemplo, o sr. Dulles, secretário de Estado norte-americano, isso não aceitaremos. O sr. Dulles, muito amiúde, apresenta condições sobre uma certa «libertação» dos países do Oriente europeu de uma pretensa «escravidão», ou a respeito da unificação da Alemanha sem conversações. Se vão ser apresentadas tais condições, poderão passar ainda 200 anos antes que nos encontremos de novo, pois nessas questões nós somos inflexíveis.

Gostais de chamar de «escravidão» nosso regime socialista. Mas nós consideramos que escravidão para os trabalhadores, escravidão para a maioria esmagadora do povo é o regime capitalista. Já Karl Marx, há muitos anos atrás, demonstrou convincentemente que o regime capitalista é um regime de opressão implacável da maioria do povo. Penso que é melhor não discutirmos agora esta questão.

No que se refere à questão alemã, ela pode e deve ser resolvida somente pelo próprio povo alemão. Esta questão só pode ser resolvida quando se encontrem Adenauer e Grotewohl, quando se encontrem os representantes de Berlim e de Bonn. Então a questão alemã poderá ser resolvida com êxito. Os próprios alemães a resolverão.

Entre nossos países não há questões em torno das quais não possamos entrar em acôrdo. Certamente, um novo encontro deve ser mais frutífero do que o encontro de Genebra, onde, em vários casos, os participantes das conversações sopraram gaita escocesa (expressão que significa «conversaram fiado» — N. do T.). Eis a minha opinião sobre a questão de um novo encontro entre os chefes de governos das grandes potências.

Desejaria acrescentar ao que acabo de dizer que nós estamos sempre prontos a ter uma troca de opiniões com outros Estados sobre questões como o desarmamento, a proibição da arma atômica e de hidrogênio, a proibição das experiências com as armas nucleares, e outras. Estamos sempre prontos a realizar conversações sobre estas questões, dispostos a chegar a um acôrdo razoável.

T. Catledge — Desejaria precisar um ponto. Quando falastes sobre a possibilidade de criação de um órgão especial para a troca de opiniões, tivestes em vista um órgão para troca de opiniões somente entre a União Soviética e os Estados Unidos, ou também com outros Estados, tivestes em vista a criação de um órgão especial ou a condução das conversações entre os países pelos canais diplomáticos comuns?

N. S. Kruschiov — Naturalmente, poder-se-ia realizar uma troca de opiniões também pelos canais diplomáticos, mas é um processo prolongado. Durante os encontros diretos é possível resolver mais rapidamente as questões. Se, suponhamos — acrescentou N. S. Kruschiov, em tom de pilheria — se encontrassem nosso ministro Gromyko e vosso secretário de Estado Dulles, então eles não chegariam a nenhum acôrdo durante 100 anos e, talvez, somente nossos netos poderiam esperar alguns resultados de suas conversações.

T. Catledge — Tendes em vista um encontro ou toda uma série de encontros?

N. S. Kruschiov — Não tenho nenhum plano concreto. Se o primeiro encontro estabelecer um bom começo, por que então não prosseguir com esses encontros? O principal, entretanto, é retirar do ponto morto o problema cuja solução toda a humanidade espera — o problema da paz ou da guerra.

Quero esclarecer que, quando falei sobre a criação de um órgão especial para as negociações entre os países, tinha em vista um órgão que poderia ser criado no caso de se obter um acôrdo sobre o sistema de segurança européia, com a participação dos EE.UU. nesse órgão.

T. Catledge — Tendes conhecimento de qualquer iniciativa por parte de qualquer potência, seja a União Soviética, os Estados Unidos ou um terceiro Estado, no sentido da convocação de uma nova conferência em nível superior, ou esperais o surgimento dessa iniciativa por parte de qualquer lado?

N. S. Kruschiov — Até agora não tivemos troca de opiniões a esse respeito com quem quer que seja. Falei apenas sobre o nosso ponto de vista.

O PAPEL DA ONU NA SOLUÇÃO DAS QUESTÕES INTERNACIONAIS

T. Catledge — Quero fazer-vos uma pergunta pequena sobre um problema muito grande. Dissestes que, em condições determinadas, a troca de opiniões poderia realizar-se na ONU? Considerais que a ONU constitui um instrumento internacional importante na solução das questões internacionais?

N. S. Kruschiov — É claro que se pode considerar a Organização das Nações Unidas um instrumento útil. Entretanto eu ficaria em dúvida com a minha consciência se a chamasse de instrumento importante na solução das questões internacionais no momento atual. Enquanto existir na ONU uma situação em que os Estados Unidos dão ordens

em tudo nessa organização, em que comandam ali os países que deles recebem esmolas, esta organização, no fundo, será não uma organização internacional e sim uma filial dos EE.UU. É claro que mesmo agora há casos em que a ONU exprime as aspirações e os desejos dos povos. Mas esses casos, lamentavelmente, são raros.

T. Catledge — Bem sabeis, provavelmente, que o povo dos Estados Unidos também não quer a guerra, como não a quer por sua vez o povo da União Soviética. Sabeis, provavelmente, que os Estados Unidos nunca, em toda a sua história desencadearam uma só guerra de agressão que fosse. A luz disso, considerais efetivamente que os Estados Unidos da América e seus aliados tramam uma agressão contra a União Soviética?

N. S. Kruschiov — Mas isso, na minha opinião, é um fato indiscutível! Se um Estado não tem em mira a guerra, então não acumula armamentos e sim procura o acôrdo com o outro lado. É claro que o povo americano efetivamente não deseja a guerra, mas os Estados Unidos da América são um Estado capitalista centralizado altamente desenvolvido, cujo governo representa grandes bancos e monopólios. Eles, sem consultar o povo, aspiram apenas a aumentar permanentemente os seus lucros. Entre as personalidades americanas há pessoas irresponsáveis que realizam, com vistas a seus objetivos egoísticos, uma política aventureira, que denominam política «à beira da guerra», política de força.

Uma coisa é quando um acrobata experimentado se equilibra na corda. Se perde o equilíbrio e cai morre somente um homem. Também isso é lamentável. Mas se se despenha um dirigente político que realiza a política «à beira da guerra», então o seu erro pode levar à morte milhões de pessoas. Não se pode esquecer isso. Não se pode esquecer também que personalidades estatais conhecidas dos EE.UU., dizem, elas mesmas, que realizam uma política «desde posições de força» e a conduzem «à beira da guerra». Numa palavra, nos Estados Unidos da América o povo trabalhador não quer o desencadeamento da guerra, quer a paz e a amizade entre os povos. Mas, lamentavelmente, ele não exerce quase nenhuma influência na política dos EE.UU. Durante as eleições enganam bem o povo e não raro as pessoas simples dos EE.UU. não sabem mesmo pelo que votaram.

A imprensa, o rádio, a televisão, os locais de reunião, todos esses meios materiais encontram-se nas mãos de um punhado de capitalistas, de ricos, que têm a possibilidade de fazer tudo que bem lhes parece e orientar a política na direção que lhes interessa. Para isso empregam-se todos os meios e entre eles também o engano, também o suborno e outros métodos. É claro que, se se perguntar aos trabalhadores dos EE.UU., a maioria esmagadora dirá que quer a paz e não quer a guerra. Pelo visto, um dia o povo dirá sua palavra, pois as coisas não poderão continuar eternamente como estão.

Direis que tudo isso é propaganda comunista. Mas sabeis que sou comunista, que sou um representante da classe operária. Vistes até aqui para conversar comigo e eu sobre essa questão não posso dizer outra coisa, pois sobre esses problemas não tenho outro ponto de vista.

T. Catledge — Segundocompreendo, a política do Partido Comunista e do governo soviético consiste, em particular, em fomentar as visitas recíprocas livres entre estudantes, engenheiros, especialistas no terreno da ciência e da técnica, jornalistas, personalidades da cultura, etc., da União Soviética e de outros Estados. É verdade isso?

N. S. Kruschiov — Sim, compreendéis de modo justo. Queremos isso.

T. Catledge — Agora eu quereria desempenhar um papel algo diferente, não o papel de propagandista do sistema capitalista, mas o de propagandista da minha profissão. Como representante de um grande jornal americano, sou pela troca livre de informações. Em ligação com isso, quereria perguntar-vos se não considerais que a censura que existe na União Soviética para os correspondentes estrangeiros não se justifica, e cria mais problemas do que resolve. Os comunicados dos correspondentes estrangeiros nos EE.UU. e em outros Estados ocidentais não são submetidos à censura.

N. S. Kruschiov — A verificação das correspondências, ou, como dizeis, a censura, emprega-se na União Soviética somente em relação às notícias caluniosas. Os soviéticos não podem ser imparciais face aos caluniadores, que deformam a realidade em suas notícias, escrevem toda sorte de invenções.

Também não podemos ser imparciais face aos que chamam à violação da vida normal da sociedade ou aos assassínios. Se se limitam às manifestações dessas pessoas, isso não significa a limitação da liberdade de imprensa. E, pois, quando este ou aquele correspondente quer enviar para o estrangeiro notícias deformadas, que não correspondem ao estado real das coisas, nossas instituições tomam medidas para que tais notícias incorretas, caluniosas, não apareçam. A meu juízo isso está certo.

Eu diria que, em essência, isso não é censura, mas apenas a utilização mais racional dos meios materiais de que dispõe a sociedade, com o objetivo de não gastar em vão recursos em ligações telegráficas, papel, etc. Desejamos empregar tudo em benefício da sociedade e não em seu prejuízo. Assim, quando pessoas autorizadas para isso retêm notícias incorretas, mentirosas e não as publica, isso conta em favor da sociedade. Assim compreendemos essa questão.

T. Catledge — Desejaria visitar os EE.UU.?

N. S. Kruschiov — Eu desejaria visitar os Estados Unidos da América, porque ouvi muita coisa interessante sobre este país dos meus companheiros de trabalho e também dos engenheiros, técnicos e agrônomos soviéticos que o visitaram. Mas a minha situação é tal que, como turista não posso ir, pois atualmente não se admitem turistas soviéticos nos EE.UU., e não tem propósito agora uma viagem minha aos EE.UU. na qualidade de personalidade estatal. Lamentavelmente, não poder visitar os EE.UU.

T. Catledge — Não pensais que seria útil se, como dirigente do Partido Comunista da União Soviética, vos estivesse convidando para visitar os Estados Unidos? (Conclui na décima página)

ENTREVISTA DE N. S. KRUSCHIOV AO "NEW YORK TIMES"

(Conclusão da nona página)

contrasels com Dwight Eisenhower, como dirigente do Partido Republicano dos EE.UU.?

N.S. Kruschiov — Evidentemente, esse encontro poderia ser útil, e eu provavelmente concordaria em realizá-lo. Posso dizer que tenho grande respeito pelo Presidente Eisenhower, sobre o que já lhe falei pessoalmente e também várias vezes ao ex-embaixador dos EE.UU. em Moscou, Sr. Bohlen. Recorde com satisfação os agradáveis encontros com o Presidente Eisenhower em Genebra.

T. Catledge — Para que os objetivos de minhas perguntas fiquem mais claros, devo dizer que, sendo um dos redatores do jornal «New York Times», não tenho relação direta com a política da redação desse jornal. Durante as eleições passadas, o meu jornal atuou em apoio do Presidente Eisenhower, enquanto que eu votei por Stevenson.

N.S. Kruschiov — As manifestações de Stevenson merecem atenção. É claro que a eleição de seu presidente é um assunto interno dos americanos, mas, em minha opinião, a política de Stevenson sem Dulles seria possivelmente mais favorável que a política de Eisenhower com Dulles.

AJUDA DOS ESTADOS CAPITALISTAS AOS PAISES SOCIALISTAS

T. Catledge — Existem quaisquer objeções teóricas ou ideológicas a que Estados socialistas, digamos, a Polônia, recebam ajuda econômica de Estados capitalistas, por exemplo, dos EE.UU.?

N.S. Kruschiov — Não, tais teses teóricas, é claro, não existem nem podem existir. Nós próprios também poderíamos receber dos EE.UU. algo necessário para a nossa economia, se isso fosse útil para nós do ponto de vista econômico.

Mas é necessário ter em vista que a natureza do capitalismo é tal que não pode ajudar a um Estado, qualquer que seja, sem visar com isso a seus objetivos egoísticos. Por isso, qualquer Estado, socialista ou outro, deve encarar com cautela o recebimento da ajuda de Estados capitalistas, a fim de não perder a sua independência.

Não prestastes atenção à abelha ou à mósca que voam em torno do mel e em seguida pousam nele? De saída, atolam apenas as patinhas, depois as azinhas e logo depois acontece que toda a abelha ou a mósca inteira se atolaram no mel.

É muito perigoso para um país socialista ou outro país qualquer se cal no mel capitalista e se atola nele. Se, imprudentemente, se utiliza dessa «ajuda», isso pode levar à perda da independência do país. Vejo que as minhas palavras não lhe agradam muito — diz sorrindo N.S. Kruschiov

FUNCIONAMENTO DA DIREÇÃO COLETIVA NA UNIÃO SOVIÉTICA

T. Catledge — Agora desejaria referir-me a alguns problemas internos. Não foi pouco o que li sobre vossos planos de reorganização da direção da indústria soviética. Li vossa intervenção recente na sessão do Soviete Supremo da URSS e antes li as teses do informe sobre vosso plano de reorganização, ou, como dizemos, sobre vosso plano de descentralização. Em relação com isso eu desejaria perguntar durante quanto tempo se discutiram esses planos na União Soviética.

N.S. Kruschiov — As teses sobre o problema da reorganização da direção da indústria e da construção foram publicadas em nossa imprensa a 30 de março de 1957 e desde então foram amplamente discutidas por toda parte na União Soviética.

T. Catledge — Essa questão não foi discutida antes da publicação das teses?

N.S. Kruschiov — No âmbito partidário o plano de reorganização da direção da indústria foi discutido no Pleno de fevereiro do Comitê Central do PCUS. Este Pleno reconheceu a necessidade de publicar na imprensa as teses sobre o aperfeiçoamento ulterior da organização da direção da indústria e da construção e desde que as teses foram publicadas sua discussão realizou-se literalmente em todas as usinas, nos colcoses, nas instituições, nas unidades militares. Toda a população de muitos milhões de nosso país discutiu essas teses. Devo dizer que este problema decorre das resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética.

T. Catledge — Interessa-me muito a questão do critério de aprovação das resoluções pelos órgãos dirigentes na União Soviética, qual o procedimento de aprovação dessas resoluções que se tornam expressão dos pontos de vista da direção coletiva na União Soviética. Reune-se regularmente o Presidium do C.C. do PCUS? Como se aprovam ali as resoluções? Fazem-se atas das reuniões do Presidium? Dão-se nas reuniões do Presidium choques de opiniões diferentes?

N.S. Kruschiov — O Presidium do C.C. do PCUS reúne-se regularmente, não menos de uma vez por semana. Além disso, não menos de uma vez por semana reúne-se o Conselho de Ministros da URSS. Os Plenos do C.C. do PCUS convocam-se entre nós não menos de duas vezes por ano.

No exame das questões nas reuniões do Presidium do C.C. o mais comum é que se manifestem pontos de vistas diferentes, porque os membros do Presidium aspiram estudar o mais profundamente possível a questão em discussão. No curso da discussão os membros do Presidium em geral chegam a um ponto de vista único. Se não se consegue chegar a um ponto de vista único sobre um problema qualquer, então esse problema é resolvido por maioria simples de votos.

É claro que há questões sobre as quais se acendem discussões muito calorosas. Isso é natural num processo democrático de discussão.

A QUESTÃO DO INFORME DE KRUSCHIOV AO XX CONGRESSO DO PCUS

T. Catledge — Sabeis talvez que no ano passado o jornal «New York Times» publicou o texto de vossa intervenção no XX Congresso do Partido, no qual se criticaram os excessos do período stalinista. Houve quaisquer omissões ou deformações no texto de vossa intervenção que foi publicado nos países ocidentais?

N.S. Kruschiov — Não sei de que texto se trata. Ouvi dizer que foi publicado nos EE.UU. certo texto, fabricado pelo serviço de informação americano, e que deram esse texto como de meu informe no XX Congresso do Partido. Mas a edição de Allen Dulles não goza da autoridade na União Soviética. Não tenho nenhum desejo de ler a literatura fabricada por Allen Dulles.

T. Catledge — Que lugar, em vossa opinião, ocupará Stálin na história da União Soviética?

N.S. Kruschiov — Stálin ocupará o devido lugar na história da União Soviética. Ele teve grandes defeitos, mas foi um marxista-leninista fiel, um fiel e estóico revolucionário. Stálin cometeu muitos erros no último período de sua atividade, mas fez também muito de útil para nosso país, para nosso Partido, para todo o movimento operário internacional. Nosso partido, o povo soviético recordarão Stálin e dar-lhe-ão o que é devido.

T. Catledge — Não poderíeis citar mesmo que somente alguns dos erros cometidos por Stálin?

N.S. Kruschiov — Em nossa imprensa já se falou sobre isso. Sobre os defeitos de Stálin também falou Lênin, no documento que é conhecido como «testamento de Lênin». Esse documento foi publicado na União Soviética no ano passado. Lênin indicou com grande precisão os defeitos de Stálin e preveniu o Partido sobre esses defeitos. Naquela época, Stálin tirou as conclusões correspondentes das advertências de Lênin e se manteve dentro de certos limites. Mas em todo homem, pelo visto, há fraquezas próprias, das quais não pode corrigir-se. Com o correr do tempo, principalmente aqueles traços negativos do caráter de Stálin, indicados ainda por Lênin, desenvolveram-se e isso trouxe prejuízos à nossa causa, ao nosso Partido. Por isso condenamos também esses erros, para que a ninguém ocorra repeti-los. Esses erros contradizem a doutrina do marxismo-leninismo.

NENHUM PC TEM O DIREITO EXCLUSIVO DE INTERPRETAR O MARXISMO-LENINISMO

T. Catledge — Considerais o Partido Comunista da União Soviética a autoridade superior no que toca à interpretação da teoria marxista-leninista?

N.S. Kruschiov — Colocastes a questão de um modo pelo qual nós, comunistas, nunca a colocaremos, pois esta colocação é incorreta. Nenhuma pessoa e nenhum Partido pode atribuir-se o direito exclusivo de interpretar a doutrina marxista-leninista. O marxismo-leninismo é uma ciência que se encontra em processo de desenvolvimento e cada Partido Comunista pode trazer sua contribuição ao desenvolvimento dessa ciência. Tanto o maior país como o país menor têm todos, condições iguais e iguais possibilidades. A questão da interpretação do marxismo-leninismo é uma questão de qualidade e não de quantidade.

Entretanto, uma vez que o marxismo-leninismo conquista uma autoridade sempre maior entre os trabalhadores de todos os países, surgiram também falsos-comunistas, que tentam agarrar-se ao marxismo-leninismo. Daqui por diante, na medida em que os países socialistas exercem uma influência mais e mais considerável sobre os trabalhadores de todos os países, estes falsos-comunistas, evidentemente, se apresentarão em número cada vez maior, porque estarão em moda contar-se entre os aderentes da teoria marxista-leninista. Por isso é necessário aos nossos Partidos comportar-se severamente entre os falsos-comunistas, desmascará-los, a fim de que eles não obstruam a teoria marxista-leninista.

Outros dizem que qualquer um pode declarar-se comunista. Mas existe um coletivo, que se mantém em determinadas posições teóricas, e se a pessoa que se declarou comunista não o é, isso em pouco tempo se tornará evidente. Todo comunista é comprovado na prática, é comprovado pelos fatos.

Aqui é oportuno, talvez, fazer uma comparação com uma companhia de soldados em marcha. Toda a companhia marcha com passo certo, mas um soldado não acerta o passo com os demais. Esse soldado deve sair da formatura e arrastar-se em qualquer lugar na cauda, enquanto não aprender a marchar. Tal é a norma no exército. Essa mesma ordem observamos nas questões da teoria marxista-leninista. Encaramos com muito zelo a observância dos princípios do marxismo-leninismo e não toleraremos quaisquer deformações da teoria marxista-leninista. Queremos manter sempre em sua pureza a teoria marxista-leninista.

T. Catledge — Não poderíeis citar concretamente alguns falsos comunistas?

N.S. Kruschiov — Não tenho em vista citá-los agora; quando necessário esses falsos-comunistas foram citados e serão citados. Posso dizer apenas que, lamentavelmente, esses falsos-comunistas não são poucos.

A REORGANIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA INDÚSTRIA NÃO SE LIGA A CONSIDERAÇÕES MILITARES

T. Catledge — Existem atualmente mais possibilidades de conservar a paz ou mais possibilidades de começar a guerra?

Faço essa pergunta em ligação com o fato de que nos países ocidentais exprime-se a opinião de que a União Soviética não passaria à realização da reorganização da direção de sua economia se esperasse em breve prazo o começo da guerra.

N.S. Kruschiov — É muito difícil dizer para onde penderá a balança, se para o lado da guerra ou se para o lado da paz. As questões da guerra e da paz dependem de muitas circunstâncias, dependem não somente da União Soviética, mas também de outros Estados. Falo mais concretamente, dependem antes de tudo dos Estados Unidos da América e da União Soviética. Nos EE.UU. há numerosos generais que fazem declarações a todos os títulos grosseiras de que podem riscar a União Soviética «da face da terra». Mas esses fanfarrões devem lembrar-se de que o outro lado pode também responder da mesma forma. Em geral a disputa sobre essa questão é uma disputa grosseira. É difícil, repito, dizer para que lado penderá a balança.

No que se refere à União Soviética ela fez e fará tudo o que dela depender não só para afastar a guerra mas também para que não haja em geral guerra. No entanto, como já disse, isso depende não somente de nós, mas também de

outros Estados, e, em primeiro lugar, dos Estados Unidos da América.

A propósito da reorganização da direção da Indústria essa reorganização não está ligada de modo algum a considerações militares. A guerra não tem nada a ver com isso. O aperfeiçoamento da direção da indústria e da construção visa ao objetivo da melhoria da gestão de nossa economia nacional. As medidas realizadas por nós dar-nos-ão possibilidades colossais de melhor utilizar os nossos recursos, de melhor dirigir nossa economia nacional. A reorganização exigirá pouco tempo; estará terminada a 1 de julho e talvez mesmo antes. Nessas condições, cabe ter em vista que a reorganização da indústria e da construção se processará principalmente em cima e não implica, agora, na reorganização do trabalho de cada empresa separadamente. O aperfeiçoamento da direção da indústria e da construção constitui uma medida econômica racional que nos dará mais possibilidades de mais rapidamente alcançar os EE.UU. na produção per capita. Assim, compreendem mal aqueles que adivinham no escuro, afirmando que a reorganização da direção da indústria e da construção em nosso país visa a quaisquer objetivos militares. Ela visa exclusivamente a objetivos econômicos. Fazemos tudo pela paz, pelo povo, fazemos tudo para que não haja guerra.

Transmiti ao vosso povo que nós não queremos a guerra e tudo fazemos para o fortalecimento da paz, mas a paz é do interesse de todos os povos, inclusive também do interesse do povo dos Estados Unidos da América.

Tendes por acaso ainda quaisquer perguntas?

U. Jordan — Entre os ministérios que deverão conservar-se após a reorganização da indústria e da construção está o Ministério da Construção de Máquinas Médias. Venhi-lou-se a suposição de que esse vosso ministério equivale à comissão para a energia atômica nos EE.UU. Não poderíeis dizer se isso corresponde à realidade e se, nesse caso, o Sr. M.G. Pervukhin ocupará o posto que nos EE.UU. ocupa o almirante Strauss?

N.S. Kruschiov — Pode ser que seja assim, mas eu na verdade não sei de que assuntos se ocupa concretamente em vosso país o almirante Strauss.

A SITUAÇÃO NO ORIENTE MÉDIO E A PERSPECTIVA DE UM CONFLITO

T. Catledge — Considerais que a situação presente no Oriente Próximo poderá levar a um grande conflito?

N.S. Kruschiov — É muito difícil responder a essa pergunta, porque no Oriente Próximo encontram-se não tropas soviéticas e sim esquadra americana, que é comandada por um almirante bastante pretencioso, que pronuncia discursos altissonantes. Posso apenas dizer que o envio da sexta esquadra americana para a parte oriental do mar Mediterrâneo é uma empresa insensata. Se essa política continuar, então tudo pode acontecer, mas que pensem sobre isso antes de tudo os próprios americanos. É uma causa insensata ingerir-se nos assuntos internos de outros países.

Posso dizer que é pouco provável que os povos dos países do Oriente Médio e Próximo concordem de boa vontade em usar a coleira do colonialismo americano em lugar da do inglês, pois a coleira americana não é mais leve que a inglesa. O povo não concordará jamais com a ordem colonial.

T. Catledge — Refere-se isso também à Hungria?

N.S. Kruschiov — A situação na Hungria é completamente outra, pois a Hungria é um Estado independente, que possui seu governo independente, que realiza sua política independente. Os países coloniais não têm independência; com a ajuda da política do chicote e do açúcar os obrigam a marchar nos varais, mas os povos dos países coloniais não cessarão sua luta contra a ordem colonial, e os novos colonizadores terão a mesma decepção que os velhos.

T. Catledge agradece pela conversa e exprime a esperança de que poderá encontrar-se com N.S. Kruschiov quando este for aos EE.UU.

A conversa prolongou-se por cerca de duas horas. A conversa foi registrada por O. Trojánovski.

N. R. Os subtítulos são de VOZ OPERÁRIA

O lançamento que os leitores esperavam!

LONGE DE MOSCÓU

(Em dois volumes)
V. AJAEV

A venda nas livrarias e pelo Serviço de Reembolso Postal. Pedidos à Editorial VITÓRIA Limitada, Rua Juan Pablo Duarte, 50 - Sob. - Rio - D. Federal.



Rádio de Moscou

TRANSMITE PROGRAMAS
DIARIOS PARA O BRASIL
DAS 19 AS 20 HORAS

Em castelhano:
das 20 às 23 horas

As transmissões da Rádio Central de Moscou para a América Latina são feitas pelas ondas de 19, 25 e 30 metros.

Voz dos Operários

Na Fábrica de Papel Celulose em Jundiapéba:

Perseguição e Exploração Contra as Operárias

Na Companhia Suzano Papel Celulose, em Jundiapéba, de propriedade do sr. Leon Fefer, reina um grande descontentamento entre as operárias que ali trabalham. Esse descontentamento é provocado não somente pelas más condições de trabalho, como também pela perseguição movida contra elas por dona Benedita Espindola, encarregada da seção de Escolla. Esta tal Benedita, que se diz operária, é na realidade a vergonha dos trabalhadores, pois desce da sua dignidade de operária, para se tornar uma fuxiqueira, junto ao sr. Benjamin, gerente da fábrica.

Prejudicados os Operários em seus Salários

Em virtude da atividade da referida Benedita, as operárias vêm sendo prejudicadas até nos seus salários, de vez que, na sua mania de perseguição, a chefe de seção deixa, muitas vezes, de apontar toda a produção de operárias.

Para servir bem ao patrão, a chefe de seção fica somente em torno do gerente, fazendo queixas das outras companheiras, particularmente daquelas que ela «não vai

com a cara». Enquanto isso, o seu trabalho profissional é feito por sua auxiliar. A produção da fábrica está caindo, com prejuízos para a empresa e para as próprias operárias. Dentro da fábrica esboça-se um movimento de repulsa aos métodos de perseguição de dona Benedita, que pode levar inclusive as operárias a exigirem a sua retirada da chefia da seção, e sua substituição por uma operária honesta e capaz.

Muito Trabalho e Pouco Dinheiro

Outra questão que muito vem preocupando as operárias da Companhia Suzano Papel Celulose, é o fato de trabalharem muito e o salário que recebem é uma ninharia. Para ganharem uma «gratificação» de 32 horas, aquelas operárias são obrigadas a trabalhar 10 horas por dia, inclusive, domingos e feriados, o que no final de contas redundará em maiores lucros para os patrões.

As operárias, em defesa da sua vida e da sua saúde, ameaçadas por um trabalho ininterrupto, buscam a forma de reduzir sua jornada de trabalho e obter um dia de descanso semanal, sem

com isso perderem nem um centavo dos seus mínguados salários. O que só pode ser conseguido através da sua organização e unidade, dentro e fora da fábrica.

LUDIBRIADOS OS LAVRADORES

Grande revolta está lavrando entre os lavradores do município de Caxias, Maranhão, diante do roubo de que foram vítimas.

Depois de muito esforço as associações camponesas locais haviam conseguido do Ministério da Agricultura, através do Fomento Agrícola, localizado na capital do Estado, certa quantidade de arroz, carochos de algodão e muitas ferramentas. Desde o ano passado, a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas encaminhara um ofício ao Presidente da República solicitando sementes e ferramentas, para a safra do ano corrente.

O Ministério da Agricultura atendeu ao pedido da União e autorizou a Seção de Fomento a fazer entrega das mercadorias relacionadas. No entanto, passaram-se muitos meses e os lavradores nada conseguiram receber. Muitos deles, por falta de semente e sem qualquer ajuda, deixaram de plantar algodão.

Novo ofício foi enviado ao Ministério da Agricultura, tendo este informado que autorizara entrega de 15.000 quilos de arroz, 13.000 quilos de carochos de algodão e grande quantidade de ferramenta para ser vendida a preços módicos.

No Maranhão

AS ENCHENTES PREJUDICAM AS LAVOURAS

No município de São João dos Patos, Maranhão, a lavoura vem sofrendo sérios prejuízos nos últimos anos, em consequência dos invernos irregulares. Antes faltavam as chuvas e agora chove demais.

Como nos anos anteriores o inverno era fraco, não sendo as chuvas suficientes nem mesmo para criar o legume nas roças localizadas em terrenos mais altos, resolveram os camponeses, no ano corrente, fazer suas roças em terrenos alagados. Mas acontece que agora está chovendo demais e as enchentes devoraram toda a lavoura, com enormes prejuízos para grande número de lavradores.

O resultado dessa situação é que os lavradores não têm com que saldar seus débitos para com os credores.

Além disso, a Cooperativa local, que deve distribuir ferramentas e sementes aos lavradores, sendo que as sementes gratuitamente, não vem fazendo isso. As sementes estão sendo vendidas a Cr\$ 10,00 o quilo, sob pretexto de que o dinheiro se destina a pagar o empregado da Cooperativa, o que não se fazia antes. As ferramentas, que deveriam ser vendidas por preço mais baixo, estão sendo vendidas mais caro do que no comércio local.

Por todas essas razões, os lavradores de S. João dos Patos, já se estão reunindo para decidir que medidas tomar em defesa de seus interesses, a fim de que não sejam mais espoliados.

Solidariedade ao Comitê Central

Com um pedido de publicação, recebemos as seguintes mensagens:

Comitê de Empresa Luis Gama

«O C. E. Luis Gama em sua reunião plenária do mês de maio discutiu as resoluções do C. C. sobre a situação política e a unidade do Partido.»

Depois de animados debates, resolveu aprovar por unanimidade as duas resoluções do C. C. e solidarizar-se com a resolução do C. R. do Rio, que as aprovou em sua reunião passada, publicada em VOZ OPERÁRIA do dia 11 do corrente.

Renova sua confiança na provada direção do C. C., que tem à frente o estimado camarada Prestes, para que continue o nosso querido Partido pugando pelo bem-estar do nosso povo, pela libertação da classe operária e pela independência política e econômica de nossa Pátria.

Rio, maio de 1957.
C. E. do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

Resolução do Pleno do C. Z.

Bonsucesso do P.C.B.

«O Comitê de Zona Bonsucesso do PCB reunido sob o signo da unidade resolve dar inteiro apoio às resoluções do Comitê Central, sobre «A Situação Política e Nossas Tarefas Atuais» e sobre a «Unidade do Partido» e ao mesmo tempo considera-se solidário com a nota do Comitê Regional do Rio sobre os referidos documentos.»

O C. Z. considera de suma importância todas as questões levantadas no documento político do C. C. Nas condições atuais que atravessa o nosso país, as tarefas indicadas descortinam um novo horizonte no sentido de melhor arremetarmos as grandes massas para a luta por suas reivindicações e derrotar a política entreguista do governo do Sr. Juscelino Kubitschek.

O C. Z. considera também a resolução do C. C. sobre a «Unidade do Partido» como a única maneira de zelar pela preservação da coesão das fileiras do Partido.

O C. Z. considera, por fim, que, de posse dessas resoluções do Comitê Central, tendo à frente o camarada Prestes, iremos dar todo o nosso esforço no sentido de tornar vitoriosas as nossas tarefas.

Maio de 1957.
O C. Z. DE BONSUCESSO DO PCB.

EM LUTA POR MELHORES SALÁRIOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS DE ITABUNA

ITABUNA, (Bahia) 9, (Do correspondente) — Há meses que, na próxima cidade de Itapetinga, vêm as professoras e os trabalhadores da Prefeitura Municipal desenvolvendo lutas para perceberem o novo salário-mínimo.

O salário-mínimo para aquela cidade é de 2.400 cruzeiros. Os trabalhadores e professoras municipais têm recebido, porém, 1.200 cruzeiros, vencimentos que há muito já não correspondem ao alto custo de vida.

A frente da justa luta dos trabalhadores e do professorado de Itapetinga encontra-se a Associação da Construção de Itapetinga, que, através de comissões e moções, tem manifestado ao Prefeito o direito que lhes cabe de receberem o salário-mínimo vigente. Agora, mesmo, atendendo uma moção desta Associação e das professoras, a Câmara de Vereadores dirigiu ofício ao Prefeito sr. Jovino Oliveira, no sentido de que seja atendida a reivindicação solicitada. O prefeito, entretanto, vem se mostrando intransigente em não atender os reclamos dos prejudicados.

Há dias, um preposto da Prefeitura, sr. Hamilton Lima, recebeu com impropérios a prof. Inalda de Oliveira e Silva, quando ela procurava naquela repartição para receber os seus vencimentos. In-

signados protestos foram levantados na Câmara de Vereadores e na Associação da Construção, como também no seio de todo o povo contra o gesto do tal elemento.

EXPLORADOS OS OPERÁRIOS DA SANBRA

Na empresa imperialista SANBRA, situada na cidade de Recife, os operários que ali trabalham estão submetidos a inúmeras formas de exploração. São péssimas as condições de trabalho, no local. Existe um banheiro coletivo para os trabalhadores, mas dos 30 chuveiros existentes, apenas 14 funcionam — alega a gerência da fábrica que os demais foram cortados, a fim de economizar água. Além disso, naqueles 14 chuveiros, só caem pingos d'água o que constitui verdadeiro tormento para os operários, obrigados a formar longas filas diante dos chuveiros após o trabalho.

Na SANBRA existe um refeitório, mas para um total de mais de 500 operários existem menos de 100 pratos e umas poucas cadeiras. O resultado é que, na hora do almoço, muitos operários ficam sem almoçar ou comem às carreiras, para pegar no serviço logo depois. E são obrigados a pagar Cr\$ 7,00 por um prato de comida ruim, importância essa descontada na folha de pagamento.

Uma forma de exploração usada pela direção da empresa, contra os trabalhadores, consiste no seguinte: se um deles esquece de carimbar o cartão, perde uma hora de serviço, na primeira vez; na segunda, perde meio dia de serviço e na terceira vez, ou é suspenso ou posto para fora da empresa.

Os operários que trabalham à noite, fazendo serão, são obrigados a carimbar o cartão na hora da largada do serviço depois de 7 minutos. Se não cumprem essa exigência, são suspensos por 3 dias.

Outra maneira de explorar os operários consiste em fazer descontos exagerados, a pretexto de «acerto» nos descontos para o IAPI. Há meses em que esse desconto é de

Cr\$ 70,00 além do salário mínimo.

Diante dessa situação, os trabalhadores da SANBRA, justamente revoltados, mobilizam-se para passar à luta em defesa de seus direitos.

Injustiçados os Operários da Cerâmica Rio Acima

Falta de segurança no trabalho — Como vivem os operários e como vive um dos patrões — Pressão econômica para forçar o pedido de demissão — Os trabalhadores exigem os seus direitos

Na Cerâmica Rio Acima, localizada em Mogi das Cruzes, os trabalhadores estão, há dois meses, com seus salários atrasados. Tal situação vem criando sérias dificuldades aos operários, que vêm a fome bater à sua porta, embora trabalhem todos os dias. No mês de abril último os operários receberam o salário de fevereiro. Desde então os operários não têm recebido mais que reduzidas partes dos salários que o sr. Pedro Romero chama de «adiantamento» mas que os operários chamam de «atrasamento», ridicularizando os intuídos de manobras da empresa.

FALTA SEGURANÇA NO TRABALHO

Na Cerâmica não há segurança no trabalho, especialmente no que diz respeito aos transportes. Os caminhões da empresa são mal conservados, sem freios, pon-do em perigo a vida dos trabalhadores. Há poucos dias ocorreram três acidentes, em que, por felicidade, não houve vítimas. Um desses acidentes se verificou em Monte Belo, outro na Serra de Sabaúna e o terceiro nas proximidades da própria empresa.

COMO VIVEM OS OPERÁRIOS E COMO VIVE UM DOS PROPRIETÁRIOS DA CERÂMICA

Os operários percebem que a empresa não se preocupa com a sua situação e a de suas famílias. Pois eles sabem e comentam entre si a diferença de situação que existe entre eles e os seus patrões. Enquanto os operários e suas famílias passam por toda espécie de necessidade, em virtude dos descontos dos dias feriados e do atraso do pagamento de salários, o sr. Renato Romero, um dos patrões, goza lua de mel no estrangeiro.

PRESSÃO ECONÔMICA PARA FORÇAR O PEDIDO DE DEMISSÃO

Os senhores da Cerâmica Rio Acima praticam toda sorte de injustiças contra os trabalhadores. Existem operárias que foram demitidas há mais de 8 meses e até hoje ainda não receberam suas indenizações, algumas delas em estado adiantado de gravidez, outras ainda não deram baixa nas suas carteiras por culpa da empresa.

O atraso no pagamento dos salários tem o objetivo de

forçar os operários a pedirem demissão e assim a empresa rouba os trabalhadores com o não pagamento das indenizações. Quando acontece pagar algumas indenizações, os patrões pagam a uns e não pagam a outros, no intuito de dividir os operários.

Para impedir que os trabalhadores procurem defender os seus direitos, os senhores da Cerâmica dizem que «compraram» o Sindicato e a Justiça. Assim, cerca de 80 operários já foram demitidos e outros estão ameaçados. Entretanto, os operários continuam exigindo aquilo a que têm direito, sem se deixar levar pelas manobras patronais.

O Nacionalismo ...

Conclusão na 6 pag
grande burguesia, da burguesia nacional e, em particular, da própria influência ideológica da pequena burguesia, toda ela impregnada de nacionalismo. Daí, a necessidade inadiável de um combate tenaz, permanente, em cada um de nós, a essas influências; de desenvolver, aprofundar, também, nessa base, a luta interna em nosso Partido. Mais que em qualquer outra época, necessitamos pôr a nu as origens, as revelações, as condições objetivas, as consequências da influência nacionalista em nossas fileiras. O IV Congresso de nosso Partido marcou bem a necessidade e a importância desta tarefa.

Os debates em nossa imprensa, sobre o XX Congresso do PCUS e a atividade de nosso Partido não fazem mais que confirmar e ressaltar a urgência e o significado de sua aplicação.

As Experiências Nucleares Ameaçam a Humanidade

A RADIOATIVIDADE DAS EXPLOSÕES ATÔMICAS CONSTITUI SÉRIO PERIGO — VASTA CAMPANHA MUNDIAL PELA CESSAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS NUCLEARES — A ENTREGA DE FERNANDO DE NORONHA E A CONFERÊNCIA DO ATLÂNTICO SUL ACARRETAM SÉRIO RISCO AO BRASIL

Depois do lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, pelos Estados Unidos, na última guerra mundial, o tema das explosões nucleares vem ocupando um lugar de primeiro plano na imprensa, rádio e cinema mundiais. Através destas diferentes fontes, ficaram conhecidas as terríveis devastações que aquelas armas de destruição em massa provocaram no Japão. Noticiam-se aperfeiçoamentos incessantes na técnica de lançamento destas armas, por meio de foguetes teleguiados que podem atingir e destruir cidades inteiras a milhares de quilômetros de suas bases. Periodicamente são anunciadas as experiências dos Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética, com armas nucleares, já agora com bombas de hidrogênio, cujo efeito, segundo estimativas, é duzentas vezes mais forte do que o das bombas lançadas sobre as cidades japonesas.

Estas experiências fazem correr um sério risco à humanidade. Por diversas vezes, os povos do mundo inteiro se mobilizaram para lutar pela interdição das armas nucleares e impedir sua utilização em caso de guerra. Por todos os meios a seu alcance, o governo soviético tem reiteradamente defendido esta posição, rejeitada sistematicamente pelos governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Mas, um problema está no centro das preocupações atuais: é o perigo que representa a continuação das experiências nucleares e a campanha para que cessem estas experiências, independentemente de um acordo geral sobre o desarmamento.

PERIGO DO PROSSEGUIMENTO DAS EXPERIÊNCIAS NUCLEARES EM TEMPO DE PAZ

Depois da explosão de uma bomba nuclear permanecem na atmosfera partículas radioativas invisíveis, que emitem raios radiativos. Estamos continuamente expostos a radiações radioativas provenientes da terra e do espaço. Entre tanto, são tão fracas, que não prejudicam. Ultrapassando determinado limite, os raios radioativos exercem efeitos nocivos sobre o organismo humano. Foi assim que a descobridora do rádio, Senhora Curie, tendo se exposto aos raios radioativos deste elemento, passou a sofrer de graves lesões na pele, em seguida nos ossos e no sangue, que nenhum tratamento conseguiu curar, levando-a à morte.

As partículas de elementos radioativos flutuam na camada superior da atmosfera, sob a forma de nuvens de poeira radioativas. Segundo certas estimativas, não desaparecerá antes de 30 ou 40 anos tudo o que já foi projetado nos ares pelas explosões realizadas até hoje. As nuvens radioativas são constantemente levadas pelos ventos em torno do globo e uma parte da poeira, por seu próprio peso ou precipitada pela chuva, a neve e o nevoeiro, cai pouco a pouco sobre a superfície da terra, sobre o solo, os rios e os oceanos.

Esses elementos radioativos, cujas partículas recaem agora, após a explosão das bombas nucleares, são das mais variadas espécies. São particularmente perigosos os que combinam uma longa vida com uma radiação relativamente forte. Entre estes, ocupa o primeiro lugar o rádio-strontium-90. Uma autoridade incontestável na matéria, o professor Joliot-Curie, prêmio Nobel, aponta os perigos que as explosões experimentais de armas nucleares e os elementos que projetam fazem pesar sobre nós e nossos descendentes, mesmo em tempo de paz, em qualquer lugar em que nos encontremos. Diz ele: «O rádio-strontium-90, cuja vida média é aproximadamente 30 anos, produzido por ocasião das explosões das bombas atômicas de hidrogênio, é levado para as altas camadas da atmosfera

que giram em torno da terra; ele recai lenta e continuamente sobre o solo com a poeira e a chuva e é em seguida fixado sobre os vegetais. A queda do rádio-strontium devida às explosões anteriores não terminou ainda. Prosseguirá durante vários anos. Os homens e os animais de criação consomem vegetais e seu organismo absorverá assim o rádio-strontium nocivo por suas radiações: o leite conterá rádio-strontium. Se não se interrompe o prosseguimento das experiências, a proporção de rádio-strontium atingirá CERTAMENTE nos homens, e especialmente nas crianças em pleno crescimento, valores suficientes para provocar numerosos cânceres dos ossos e leucemias. Pelo rádio-strontium e por outras vias, sobretudo graças ao rádio-cesium, cresce a dose de radiações às quais são submetidos os ho-

mens e constitui uma ameaça para as gerações futuras.»

Muitos são já os casos que mostram os efeitos da radioatividade resultantes das explosões nucleares: professor Paul Berthold, o francês, revela que viu em Tahiti, nas Ilhas Marshall e Marqueses, uma doença para a qual não existe nenhum tratamento, provocada pelo consumo do peixe vindo das zonas onde se haviam realizado as experiências atômicas americanas, ou do peixe contaminado por outros peixes vindos dessas regiões. A doença, que ataca tanto adultos quanto crianças, tem como principais sintomas cavernas e queimaduras dolorosas na pele.

DO MUNDO INTEIRO — IMPORTANTES DECLARAÇÕES E PROTESTOS CONTRA O PROSSEGUIMENTO DAS EXPERIÊNCIAS NUCLEARES

Inspirando-se nas declarações do professor Joliot-Curie, e em estudos como os da Associação dos Sábios Atômicos Britânicos, o Birô do Conselho Mundial da Paz, lançou em Berlim uma campanha mundial pela cessação imediata das experiências nucleares. Confiante no êxito do empreendimento, diz o apelo do Birô: «Pedimos que cessem as experiências. Pedimos a trégua imediata. Ela permitirá preservar a vida de nossos filhos. Impulsionará os governos a se entenderem para abolir as armas atômicas e a afastar a própria guerra. Se as vezes se exprimem em todos os países, serão ouvidas. Poderemos ainda afastar o perigo.»

Seguiu-se ao apelo, o pronunciamento de repercussão mundial, de 18 sábios atomistas da Alemanha Ocidental, entre os quais vários prêmios Nobel como Otto Hahn, von Laue, Huisenberg e outros. Destacando a preocupação de que se acham possuídos pelos planos que visam dotar o exército alemão de armas atômicas e o perigo que estas representam, pois elas poderiam exterminar, desde já, toda a população da República Federal, os eminentes sábios se recusam a colaborar, de qualquer forma, na construção, experimentação ou utilização das armas atômicas. Tal foi a repercussão desta tomada de posição, que o chanceler Adenauer foi obrigado a fazer importante recuo em relação às suas declarações anteriores sobre a necessidade de dotar o novo exército da República Federal com armas nucleares e foguetes teleguiados. Em seguida, em face dos êxitos iniciais da campanha eleitoral do Partido Social-Democrata, que adotou como slogan principal o desarmamento e a retirada da Alemanha Ocidental do bloco da Otan, e das energéticas advertências do governo soviético, sobre o perigo que

representa para a República Federal o equipamento de seu exército com armas nucleares, o chanceler passou a negar que tivera a intenção de pleitear armamentos atômicos. A proximidade das eleições gerais, que devem realizar-se em setembro próximo, fez com que o chefe do governo de Bonn iniciasse nova marcha a ré, de objetivos eleitorais: apresentou no Bundestag (Parlamento), por intermédio de seu partido, uma resolução pedindo uma trégua imediata nas experiências com armas nucleares.

A decisão do Bundestag, que reflete a crescente repulsa do povo alemão contra a política guerreira de Adenauer, coincidiu com a resolução do Soviète Supremo da U.R.S.S. no mesmo sentido, dirigida diretamente aos parlamentos dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Grande repercussão tiveram também as declarações do doutor Albert Schweitzer, conhecido como grande músico, sábio, filósofo e filântropo, prêmio Nobel da Paz. Dirigindo-se à opinião pública, através das principais cadeias de emissoras de 50 países, Schweitzer, depois de mostrar o perigo dos raios radioativos provenientes das explosões atômicas, afirma: «Somos forçados a considerar cada acréscimo do perigo existente — pela futura criação de elementos radioativos devidos a explosões de bombas — como uma catástrofe para a raça humana, catástrofe que deve ser impedida, seja quais forem as circunstâncias.»

Por sua vez, o Papa Pio XII, atendendo ao pedido do enviado especial japonês Matsushi Matsuhita, que percorreu os países da Europa para obter a suspensão imediata das experiências nucleares, declarou-se favorável a esta medida.

No Japão, onde se realiza uma vigorosa campanha con-



Muitos sobreviventes de Hiroshima ficaram marcados por terríveis queimaduras

tra as experiências atômicas, foi convocado para o mês de agosto próximo a 3ª Conferência mundial contra as bombas atômicas e de hidrogênio. De grande importância para o desenvolvimento da luta pela paz no mundo, será a próxima reunião do Conselho Mundial da Paz, a realizar-se em Colombo, Ceilão, nos dias 10 a 16 de junho próximo.

O Comissário de Energia Atômica dos Estados Unidos,

Wilard F. Libby, pode dizer num evidente objetivo de divulgação, e engodo, que os Estados Unidos conseguiram fabricar bombas de hidrogênio «limpas» que «reduzirão ao mínimo» os perigos da radioatividade para as pessoas que se encontrem longe dos campos de batalha nucleares. Estas ridículas afirmações não conseguirão deter a grande campanha pela cessação das experiências nucleares e sua vitória.

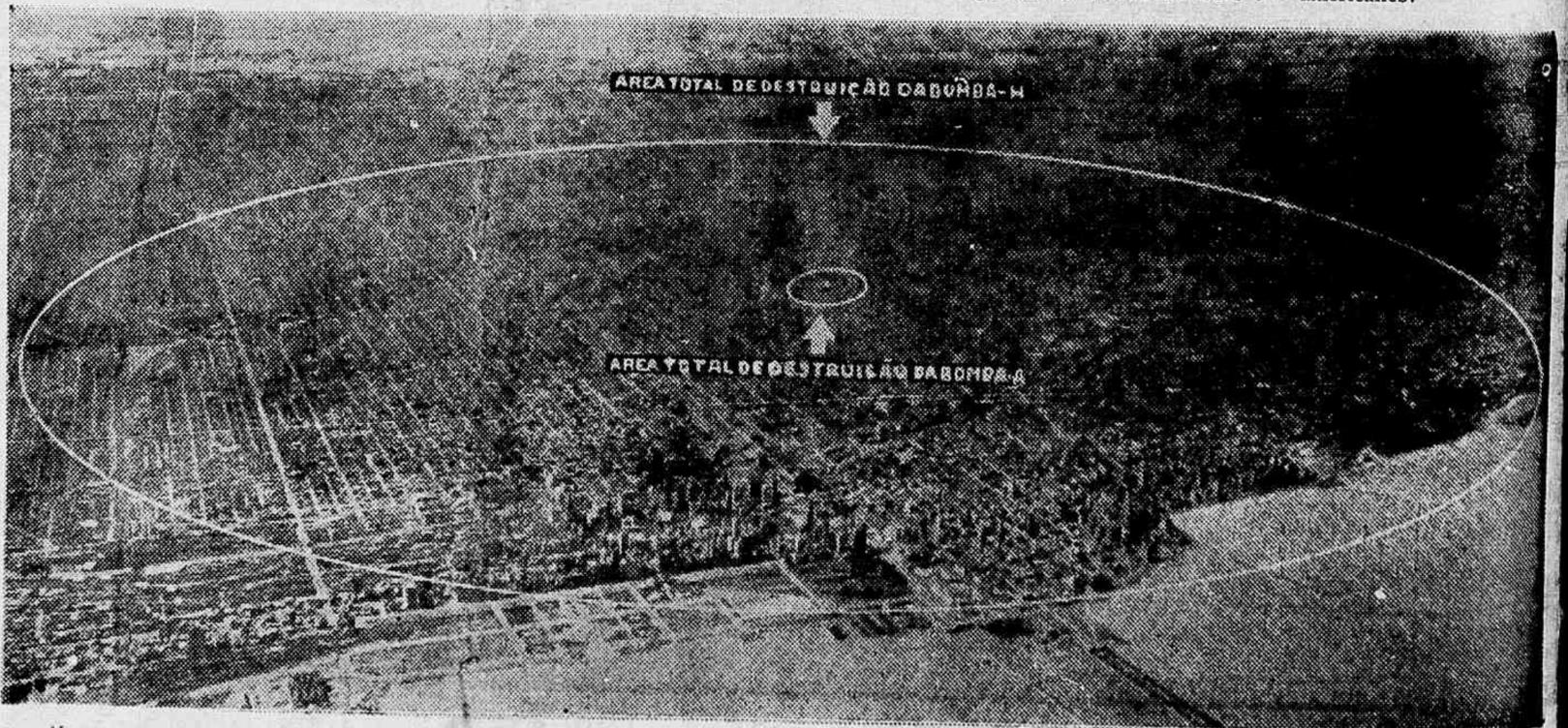
A ENTREGA DE FERNANDO DE NORONHA E A CONFERÊNCIA DO ATLÂNTICO SUL ACARRETAM SÉRIO RISCO AO BRASIL

A luta mundial pela interdição dos engenhos atômicos e pela anulação dos preparativos de guerra não pode deixar de adquirir, no Brasil, o caráter predominante de luta contra a concessão de Fernando de Noronha aos Estados Unidos. Esta medida de preparação de guerra nos coloca na posição de agressores, manejando armas ofensivas que serão, necessariamente, bombas atômicas ou foguetes termonucleares. No caso de uma guerra, o Brasil se tornaria, portanto, alvo de destruição, por meio de bombas atômicas. A Conferência do Atlântico Sul, por outro lado, visa envolver ainda mais a América Latina na política de blocos militares e

na preparação da guerra nuclear, exigindo a mobilização da opinião pública para lutar por uma política de paz.

Depois do Congresso dos Municípios, a Câmara Municipal de Niterói e a IV Convenção dos Lions Clubs se manifestaram contra as experiências atômicas. A proposta aprovada por esta Convenção solicita à ONU que imponha «pelos meios a seu alcance a todos os seus membros, a cessação das experiências com explosões termonucleares.»

A campanha pela cessação das experiências nucleares desenvolve-se, assim, no Brasil, junto à luta do povo brasileiro contra a entrega de Fernando de Noronha aos americanos.



Numa vista aérea da cidade de Chicago, uma das maiores do mundo, vemos assinaladas as áreas que seriam destruídas por uma bomba H e por uma bomba A